

Arredia



Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD
Faculdade de Comunicação, Artes e Letras - FALE
e-ISSN: 2316-6169, Ano 6, volume 8, número 13 - 2024

Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras/ UFGD

Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras
Universidade Federal da Grande Dourados

Volume 8, número 13 - 2024

INSS: 2316-6169



Reitor

Jones Dari Goettert

Vice-reitora

Claudia Lima

Diretora da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras

Flávia Janiaski Vale

Portal de Periódicos da UFGD

Givaldo Ramos da Silva Filho

Editor da Revista Arredia

Rogério Silva Pereira

Editores executivos

Marilze Tavares (UFGD), Rosana Budny (UFGD), Tiago Marques Luiz (UFGD),
Rogério Silva Pereira (UFGD, Editor)

Conselho Editorial

Ana Claudia Castiglioni (UFT), Claudia Cristina Ferreira (UEL), Daniel Padilha Pacheco da Costa (UFU), Dennys Silva-Reis (UFAC), Marcos Aparecido Lopes (UNICAMP), Regiani Aparecida Santos Zacarias (UNESP), Sandra Espíndola Macena (UEMS)

Capa

Felipe Medeiros da Silva Macedo

Ilustração da capa

“Cervo arredio”, desenho a BIC sobre sulfite de P. C. Ferreira, modificado em AI

Diagramação

Agência Três Criativos - Curitiba

ArReDia [recurso eletrônico] / Universidade Federal da Grande Dourados, Faculdade de Comunicação, Artes e Letras. – Vol. 1, n. 1 (jul./dez., 2012)-. – Dados eletrônicos. – Dourados, MS : Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2012-

Semestral.

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/arredia>>.
ISSN 2316-6169 (online).

1. Linguística. 2. Literatura. 3. Universidade Federal da Grande Dourados – Periódicos. I. Universidade Federal da Grande Dourados. Faculdade de Comunicação, Artes e Letras.

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFGD.
Alison Antonio de Souza - CRB1 2722.

SUMÁRIO

Apresentação 6 - 8

Artigos

DO SÉRIO AO CÔMICO: A OPOSIÇÃO AO REGIME MILITAR EM OS CARBONÁRIOS,
DE ALFREDO SYRKIS..... 9 - 23
Maykom de Faria

CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS DE ESTUDANTES INDÍGENAS DO CURSO DE
LETRAS da UFGD”24 - 44
Camila Camata de Lima e Marilze Tavares

LET SLEEPING DOGS LIE – CANDIDATOS A EQUIVALÊNCIAS EM INGLÊS PARA
ALGUMAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS ZONÍMICAS DO PORTUGUÊS 45 - 58
Hanju Cedeño Lima e Rosana Budny

Poemas & contos (primeiros e segundos lugares do 1º Concurso Literário da Arredia)

FUTILIDADES SENTIMENTAIS59 - 60
Nycolas Colman

CRONOLOGIA DO DESPERTAR61 - 62
Sueli Moreira Silveira

MOLHO63 - 65
Vitória Fernandes Pereira

ADAGIO SOSTENUTO.....66 - 70
Leonardo Lopes Santos

ÉBANO.....71 - 75
Márcia Alves de Freitas

Resenhas

A IMAGINAÇÃO EDUCADA, DE NORTHROP FRYE76 - 82

João Mário Nascimento Rocha

COMPÊNDIO DE EVISCERAÇÃO, DE HENRIQUE PIMENTA83 - 93

Rogério Silva Pereira

APRESENTAÇÃO - VOLUME 8, NÚMERO 13 - 2024 - REVISTA ARREDIA

Depois de 6 anos, a Revista Arredia volta a circular. Salve, salve! Quem vê o último número, o 12º, de 2018, com 88 páginas, com corpo editorial sólido, recheada de excelentes colaboradores, não prevê a lacuna que viria. A revista vinha de breve porém consolidada trajetória.

Em 2012, a Arredia nascia de uma proposta específica. Sim, a Revista vinha à luz sendo, como tantas outras, publicação acadêmica, visando divulgar textos da área de Letras e afins. Porém, vinha também como uma revista conscientemente aberta a divulgar textos de escritores e pesquisadores em começo de carreira. A proposta era corajosa. Identificava-se uma lacuna e propunha-se uma solução: o artigo científico escrito pelo discente de Iniciação Científica poucos caminhos encontrava para publicação, o mesmo acontecia com textos de doutorandos ou mestrandos. A Arredia nascia contribuindo para a divulgação e o acolhimento de jovens escritores e pesquisadores. Em suma, contribuindo para a formação do jovem acadêmico. Destaque, nesse momento inicial, para as editoras professoras Rute Isabel Simões Conceição e Milenne Biasotto.

Um olhar nos sumários de cada um dos 12 números da Revista mostra a efetividade da proposta. A Arredia foi espaço para que dezenas de jovens acadêmicos – alguns seguiram carreira, outros não, é verdade – tivessem textos seus publicados. E veja-se a coincidência (ou não seria tanta coincidência assim?): lá no n. 1 encontramos um artigo do hoje professor da FALE, Tiago Marques Luiz, que foi discente de graduação do Curso de Letras da UFGD, nosso aluno, portanto, sendo agora professor efetivo do Curso e um dos editores-assistentes da Revista. A proposta se cumpria plenamente.

A revista retorna persistindo naquele DNA. O ponto alto deste nosso *número de recomeço* são os textos de jovens acadêmicos.

Para começar, um concurso literário. No final de 2023, a Arredia percebe que precisa de um início marcante e, assim, organiza seu I Concurso Literário. A comunidade da UFGD é convidada a inscrever contos e poemas, recebendo uma resposta excelente com numerosas inscrições.

A seção final desta edição é dedicada ao resultado do concurso. São 2 poemas e 3 contos, correspondendo, respectivamente, ao 1º e 2º lugares em cada uma das modalidades. Nycolas Colman conquistou o primeiro lugar com seu poema ‘Futilidades Sentimentais’; o segundo lugar na mesma categoria ficou com Sueli Moreira Silveira, autora de ‘Cronologia do Despertar’. Já na categoria conto, publicamos ‘Molho’, de Vitória Fernandes Pereira, que conquistou o primeiro lugar; em segundo lugar, empatados, estão os contos ‘Adagio Sostenuto’, de Leonardo Lopes Santos, e ‘Ébano’, de Márcia Alves de Freitas. Todos são discentes da FALE/UFGD.

Publicamos ainda mais quatro textos de jovens pesquisadores. Dois deles são artigos na área de Linguística, fruto de pesquisas financiadas por bolsas de Iniciação Científica. O primeiro é ‘Crenças e Atitudes Linguísticas de Estudantes Indígenas do Curso de Letras da UFGD’, de autoria da discente Camila Camata de Lima, com coorientação da professora Marilze Tavares, sua orientadora de IC. Este estudo pertence à área da Sociolinguística, com ênfase em bilinguismo, uma questão central em sociedades fronteiriças e multilíngues como a de Dourados, MS. O segundo artigo, intitulado “Let Sleeping Dogs Lie – Candidatos a Equivalências em Inglês para Algumas Expressões Idiomáticas Zoonímicas do Português”, foi escrito pela discente Hanju Cedeño Lima, com coorientação da professora Rosana Budny. Este estudo investiga equivalências de expressões idiomáticas entre o português e o inglês, sendo de grande relevância, especialmente no que tange à contribuição para a edição de bancos de dados e dicionários fraseológicos.

Os outros dois textos são da área de Literatura: um artigo e uma resenha. O artigo, escrito por Maykom de Faria, intitula-se ‘Do Sério ao Cômico: A Oposição ao Regime Militar em Os Carbonários, de Alfredo Sirkis’. Nele, o autor analisa o importante testemunho publicado em 1980 pelo ex-guerrilheiro Sirkis, destacando aspectos que situam ‘Os Carbonários’ na fronteira entre autobiografia e ficção. A resenha, por João Mário Nascimento Rocha, analisa a edição recente do livro ‘A Imaginação Educada’, do ilustre crítico literário Northrop Frye, até então inédito no Brasil.

Por fim, uma resenha, deste editor, sobre o livro de contos, *Compêndio de evisceração*, do premiado escritor sul-mato-grossense Henrique Pimenta, que expõe aspectos, em chave realista, da vida da pós-modernidade da metrópole regional que é Campo Grande.

São texto que, como sugerido, reafirmam o *parti pris* da Revista, seu DNA, por assim dizer. A promessa é a de seguirmos e aprimorarmos esta herança.

Vida longa à nova Arredia!

Rogério Silva Pereira (Editor)

julho de 2024.

DO SÉRIO AO CÔMICO: A OPOSIÇÃO AO REGIME MILITAR EM OS CARBONÁRIOS, DE ALFREDO SYRKIS

From serious to comic: the opposition of the military regime in Os carbonários by Alfredo Syrkis

MAYKOM DE FARIAS E SILVA

Universidade Federal da Grande Dourados

E-mail: maykomdefaria@gmail.com

Resumo: O artigo analisa *Os carbonários: memórias da guerrilha perdida* [1980], de Alfredo Syrkis, com vistas a caracterizar as formas de representação da oposição ao regime militar brasileiro (1964-1985). É uma obra autobiográfica em que o autor narra sua vivência como opositor do referido regime entre fins dos anos 1960 e início dos 70. Suas ações nas passeatas que antecedem o AI-5, e também na guerrilha urbana são os assuntos de destaque. Syrkis representa a oposição de modo a enaltecer as formas públicas de sua ação política, criticando, em contraste, as ações privadas e violentas dessa mesma oposição. Para efeito de análise, aborda-se o livro em duas partes: pré e pós AI-5. Na primeira, há um modo sério de representar a oposição; na segunda, um modo cômico. Para tal, o trabalho se ancora nas reflexões de Bakhtin (1990) e Auerbach (1994), ambos tratando dos estilos sério e cômico como formas de representação literária.

Palavras-chave: Os carbonários; sério cômico; guerrilha.

Abstract: The article analyzes *Os carbonários, memórias da guerrilha perdida* [1980], by Alfredo Syrkis, in order to characterize as forms of representation of the opposition to the Brazilian military regime (1964-1985). He is autobiographical in the author who narrates his experience as an opponent of the regime referred to between the 1960s and the beginning of the 1970s. His actions in the passages prior to AI-5, and also in the urban guerrilla are the subjects of prominence. Syrkis represents an opposition in order to activate as public forms of its political action, criticizing, in contrast, as private and violent actions, of that same opposition. For the purpose of analysis, consult the book in two parts: pre and post AI-5. In the first, there is a serious way of displaying opposition; in the second, a comic way. To this

end, the work is anchored in the reflections of Bakhtin (1990) and Auerbach (1994), both dealing with serious and real styles as forms of literary representation.

Keywords: Os Carbonário; Seriously Comic; Guerrilla.

INTRODUÇÃO

Os ex-guerrilheiros que, pelos idos de 1980, retornam do exílio, encontram cenário contraditório. Era momento posterior à publicação da Lei de Anistia (1979), que havia propiciado ambiente político mais brando, relativamente mais pacificado. Novos desafios, contudo, se impunham. Por um lado, os ex-guerrilheiros se viam confrontados com velhas inverdades, divulgadas por setores da imprensa aliados do regime, que os acusavam de “traidores da pátria” e “terroristas”, dentre outros. Por outro lado, entretanto, viam-se num terreno propício para que pudessem realizar um balanço público sobre a luta armada como forma de oposição ao regime. Para tanto, muitos deles tornaram-se escritores, lançando mão da publicação de livros contando suas versões dos fatos relativos aos tempos de guerrilha.

O contexto era apropriado para que se tentasse um reposicionamento frente à opinião pública, desvencilhando-se da pecha de traidor e terrorista. Com efeito, desde meados da década de 1970, durante o governo Geisel (1974-1979), se empreendia uma política de distensão (da qual a Anistia fazia parte), que levava os militares a fazer uma série de concessões – incogitável em anos anteriores. Uma delas, como atesta Ridenti (2014), foi a inserção de intelectuais e artistas de esquerda no mercado de trabalho, o que provocou relativo afrouxamento da censura e, conseqüentemente, possibilitou a publicação de livros com conteúdos ousados para a época (Cf. Hallewell, 2005, p. 595). 10

A isto, soma-se a indecisão do regime quanto à aplicação da Lei de Censura sobre mercado editorial, pois, no governo de João Figueiredo (1979-1985), os ministérios da Educação e da Justiça não chegavam a um consenso quanto à responsabilidade pela tarefa, impasse que propiciou o que Laurence Hallewell (2005) chama de “abertura dos livros”. O resultado do dilema foi o involuntário afrouxamento da censura. É quando surgem publicações comprometedoras para o regime, a exemplo do *Dossiê Herzog: prisão, tortura e morte no Brasil* (1979), de Fernando Brandão, em que se aborda a prisão do jornalista opositor Wladimir Herzog e a simulação de seu suicídio pela repressão da ditadura.

Na esteira disso, cresce o interesse do público leitor por assuntos relativos à luta guerrilheira. Surgem, então, narrativas de cunho confessional, mescladas por reflexões, escritas por ex-integrantes da guerrilha, tratando das estratégias adotadas por ela. Os livros de Fernando Gabeira, *O que é isso, companheiro?*, de 1979 (que, aliás, vendeu 80 mil cópias no ano de sua publicação), e *Os carbonários: memórias da guerrilha perdida*, de 1980¹, de Alfredo Syrkis, são exemplos entre muitos. No primeiro, Gabeira narra sua participação no sequestro do embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick. No segundo, Syrkis narra sua vivência como membro do movimento estudantil, no período que antecede a instituição do AI-5, e como guerrilheiro urbano, integrante da Vanguarda Popular Revolucionária – VPR, no período posterior ao AI-5. Ambos são narrativas autobiográficas, como se vê.

As referidas obras se assemelham em alguns pontos. Sobressai nelas o trabalho dos autores para levar ao leitor acontecimentos conhecidos, até então, apenas por aqueles diretamente envolvidos na luta: os militantes e os membros da repressão. As obras também realizam uma espécie de sessão pública de crítica e autocrítica, que coloca em xeque a política clandestina e violenta, usada pelos grupos guerrilheiros.

Destaque-se aqui, brevemente, o trabalho de Fernando Gabeira, em *O que é isso, companheiro?*. Em seu livro, o ex-guerrilheiro, agora escritor, lança mão de metáforas com função tradutória, em que associa situações típicas da vida clandestina com o cotidiano do leitor presumido para o qual escreve. Trata-se, aqui, daquele leitor comprador de livros que, no Brasil dos anos 1970 e 1980, pertence à classe média urbana brasileira – um grupo restrito, por assim dizer. Didático, falando de sua própria experiência, Gabeira troca em miúdos a vida até então misteriosa e clandestina do militante da guerrilha armada. Destaque-se um exemplo dentre muitos. “Sair do movimento de massas para um grupo armado era “[...] ascender de um time de terceira divisão para o Campeonato Nacional” (Gabeira, 1984, p.111). Aqui o desconhecido é “traduzido” usando-se o conhecido: os meandros ocultos da oposição parecem agora transparentes quando comparado ao mundo do futebol, tão familiar ao leitor. Ascender na guerrilha é como passar de uma divisão a outra do futebol. Porém, além de traduzir, Gabeira tece críticas à oposição armada, a seus ex-companheiros. É o que se observa no trecho abaixo:

11

1 Doravante referida neste artigo pela sigla OC.

E as armas, Antônio? As armas que você traria para nós, Antônio Duarte, da Associação dos Marinheiros? Quantas vezes não perguntei isto durante as partidas de xadrez do exílio. E quantas vezes você não me repetiu essa história, sempre com sabor daquele conto da infância. Alguém foi à festa, vinha trazendo um docinho para nós, vinha passando por uma ponte e pluft, caiu o docinho no rio. Pena (Gabeira, 1984, p.17).

Note-se a ironia. Ao se dirigir a um certo Antônio, companheiro de luta, e questioná-lo sobre certa entrega de armas, o narrador formula uma resposta que tacha as reivindicações guerrilheiras como infantis, pois trata as armas que seriam usadas para se rebelar contra o golpe de 64 como doces que iam ser levados para crianças. A substituição das “armas” pelo “docinho” traz consigo um julgamento da luta armada: a mesma foi algo similar a uma reivindicação infantil (Pereira, 2010, p.10). O procedimento é retórico. Infantilizar as reivindicações guerrilheiras, para desqualificar a própria guerrilha. Na esteira disso, Gabeira advoga a favor da esfera pública como locus de oposição política, em detrimento da oposição armada e clandestina dos anos anteriores. Sublinhe-se que tal procedimento é central no livro.

Ao seu modo, Alfredo Syrkis também procede assim. Isto é, enquanto narra sua vivência de guerrilheiro urbano, expressa insatisfação com a clandestinidade e a guerrilha como meios de luta contra o regime. Como Gabeira, Syrkis, ao contar sua história, está há mais de uma década afastado dos fatos vividos.

12

OC está estruturado com base em dois momentos antípodas. No primeiro, o antagonista do regime é a coletividade que sai às ruas do Rio de Janeiro para protestar, prescindindo de uma vanguarda que guie as massas rumo à revolução. Trata-se de uma forma de ação política pela qual Syrkis/narrador demonstra simpatia. Percebe-se isso pelos comentários do autor já no prefácio da obra:

[...] essa abertura [política] não foi João [Figueiredo, o presidente ditador] que concedeu, foi conquistada pela pressão do nosso povo. Por *milhões de vontades, vozes e mãos vazias que foram mais eficazes do que aquele punhado de metralhadoras com as quais nós carbonários queríamos mudar o mundo há uma década.* Fico feliz (Syrkis, 1981, p. 5, *itálicos nossos*).

No trecho, o autor opta pelos “milhões de vontades, vozes e mãos vazias”, isto é, o povo na rua protestando, em detrimento da luta armada representada pelo punhado de metralhadoras. Estas muito pouco eficazes na luta contra o regime.

Num segundo momento, Syrkis satiriza as metralhadoras do trecho acima, isto é, a própria luta armada, o que implica na desvalorização da guerrilha como forma de luta. Ali, os guerrilheiros são representados atuando isoladamente da população, reivindicando para si o status de vanguarda.

OS ESTILOS SÉRIO E CÔMICO

A seguir procuramos conceituar as noções de representação séria e cômica, a fim de proceder a uma análise do livro de Syrkis.

Entendemos “representação” como *mimesis*. Representar, nesse sentido, é imitar homens agindo. Para Aristóteles (1999), o escritor deve imitar “pessoas em ação [...]” (Cf. Aristóteles, 1999, p.38, itálico nosso). O conceito de “ação” é decisivo. Não se trata de imitar pessoas, senão, (reitere-se) “pessoas em ação”. O personagem é caracterizado não por suas roupas ou características físicas, senão em função das ações que pratica.

Entretanto, há diferentes modos de imitar, conforme o tipo de ação sobre a qual recai o foco do escritor. Por isso, quanto ao objeto de representação, este ora remete à imitação de ações nobres, ora à imitação de ações baixas (mesquinhas/ridículas). Ações nobres seriam executadas por pessoas/personagens socialmente superiores, imitadas nos gêneros altos. As ações baixas seriam executadas por pessoas/personagens inferiores, que teriam suas ações imitadas nos gêneros baixos.

Dessa diferença quanto à qualidade dos seres que agem na narrativa, surge uma divisão de estilos (Cf. Auerbach, 1994, p.27): o estilo sério e o cômico. Assim, usa-se o termo “sério” para definir a representação de ações nobres, em que figuram virtudes como a honra e a coragem – além da piedade despertada no espectador. Nele as ações são protagonizadas por personagens pertencentes às classes elevadas da sociedade. Quanto a isso, vale lembrar que as convenções literárias de determinadas épocas implicam o estilo sério inerente aos gêneros elevados (tragédia, epopeia), destinados a representar as façanhas dos ancestrais, nas quais onde constam ações nobres e heroicas (Cf. Bakhtin, 1990, 408-409).

Por seu turno, emprega-se o termo “cômico” para definir a representação de ações vulgares ou relativas à vida cotidiana, praticadas pelos contemporâneos do artista, geralmente pessoas pertencentes aos baixos estratos da sociedade. Por isso, os

ofícios, as posições sociais, os cenários, os costumes, em suma, tudo que se refere ao cotidiano e ao povo comum, só é concebido pelo viés cômico, por gêneros baixos (farsa, comédia, etc).

Vê-se que as convenções literárias exercem influência preponderante quanto aos gêneros e ao estilo com que os indivíduos têm suas ações representadas.

Contudo, vale questionar se seria possível flexibilizar estes gêneros. Seria possível tomar uma pessoa comumente representada no gênero alto e representá-lo em nível de contemporaneidade, pela via cômica? Do mesmo modo, seria possível tratar de modo sério, via gêneros altos, aquelas pessoas e situações do baixo cotidiano? Atentando-se às considerações de Bakhtin e Auerbach, a resposta é positiva.

Bakhtin explica que o cômico popular é instrumento pelo qual são ridicularizados os contemporâneos, o presente e a atualidade, convertendo-os em objeto de riso, além de contribuir para o florescimento da parodização dos gêneros elevados. Assim, o passado dos homens melhores, dos heróis e dos deuses pode ser representado em nível de atualidade, no ambiente, costumes e linguagem vulgar da época do próprio escritor (Cf. Bakhtin, 1990, p.412). Neste sentido, o cômico desponta como forma de “atualizar” o objeto, de tirá-lo do pedestal que o mantinha digno, sagrado e cultuado, situação proporcionada pela barreira intransponível do passado absoluto, contida nos gêneros altos.

14

Nesta quebra de distância surgirá, por exemplo, o domínio do sério-cômico, proporcionando a apropriação de um personagem comumente representado de forma séria, trazendo-o para um contexto cotidiano, para o presente do escritor e da plateia. Assim, o cômico receberá esta denominação não simplesmente por provocar o riso, mas, por *aproximar* o objeto, por tirá-lo da distância em que ele antes se encontrava e propiciar sua reavaliação, seu exame e, conseqüentemente, sua transformação. Para Bakhtin, o riso tem a capacidade de

[...] aproximar o objeto, ele o coloca na zona de contato direto, onde se pode apalpá-lo [...] destrói o temor e a veneração para com o objeto e com o mundo, coloca-o em contato familiar e, com isto, prepara-o para uma investigação absolutamente livre (Bakhtin, 1990, p.413).

O caminho inverso também pode ser percorrido, isto é, um personagem comum, envolvido numa situação cotidiana, é passível de ser representado de maneira séria,

rompendo com convenções estilísticas cristalizadas, existentes em certos períodos literários segundo as quais, por exemplo, os homens do povo só poderiam ser mostrados pelo viés da comicidade, da sátira e do riso. Isso vale também para Auerbach. Para o crítico, que se detém em dezenas de textos ao longo de séculos da literatura ocidental, há muitos textos que abordam fatos da vida cotidiana de maneira séria; além disso, há nesses textos personagens do povo configurados como heróis. Tudo isso em contextos em que, convencionalmente, o cotidiano e as pessoas simples só poderiam ser representados pelos gêneros baixos, mediante a comicidade. Auerbach exemplifica seu ponto de vista recorrendo à literatura do Novo Testamento, em que as cenas em torno da prisão de Jesus contêm, por um lado, acontecimentos relativos ao cotidiano, tratados com a mais alta tragicidade, de modo sério, e, por outro, um personagem de baixa camada social, representado como herói. O autor considera que os episódios em que Pedro oscila da coragem em defender Jesus à atitude de negá-lo, ademais das visões que decorreram disso, contribuindo para a constituição do Cristianismo, mostram-no como herói; porém, débil, oscilante, de origem humilde, características estas inconciliáveis com a representação elevada: “[...] Uma figura de tal procedência, um herói de tal debilidade, mas que ganha de sua própria fraqueza a maior das forças [...] é incompatível com o estilo elevado da literatura clássica antiga [...]” (Auerbach, 1994, p.36).

A REPRESENTAÇÃO HEROICA DA OPOSIÇÃO PÚBLICA

Embora partidário de uma luta executada através de meios que dispensem o uso da violência, Syrakis narrador não desvaloriza totalmente a atuação dos indivíduos que, antes do decreto do AI-5, reagiram à violência da ditadura. Quer dizer, apesar de contrário a políticas de oposição que se valham do emprego de armas – sejam elas improvisadas ou não – atribui uma dimensão heroica àquelas figuras que tentam fazer frente à violência da repressão nas avenidas do Rio de Janeiro. Em jogo estão virtudes como a coragem. Um dos lados conflitantes, teoricamente o mais fraco, aparenta ter força equivalente, ou maior, em relação a seu adversário, tido como mais forte. Como o Davi que combate o Goliath, a oposição, corajosa, e armada de paus e pedras, confronta o regime militar, profissionalmente armado.

O trecho a seguir serve como exemplo:

O nosso grupo se integrou numa manifestação de uns quinhentos estudantes [...] Levavam umas minúsculas bandeirinhas do Brasil pregadas nos respectivos mastros, uns respeitáveis porretes de carvalho. Outros, bодоques com bilhas [esferas] de aço./ Naquela noite foi com muita raiva que avançamos em cima da PM, sem o menor receio [...]/ Os vultos azuis de capacete, concentrados em duas filas, no calçadão do ministério, receberam uma chuva de pedras e bilhas de aço. Um dos grupos foi totalmente pulverizado [...]/A outra fila se mantinha compacta, mas recuava lentamente debaixo de tanta pedrada [...] (Syrkis, 1981, p.53).

Aqui, inverte-se a situação das forças em luta, amiúde vantajosa para a repressão. Em primeiro lugar, o narrador refere-se a um dos instrumentos portados pelos manifestantes como arma capaz de intimidar o oponente: a expressão “Respeitáveis porretes de carvalho” fala por si mesma. A oposição combate a polícia utilizando objetos desviados de seu uso comum. À maneira de um *bricoleur*, recorre ao que encontra à mão para enfrentar a polícia. Por isso, os mastros, conforme a situação, são transformados em porretes. Entretanto, para representá-los como armas tão eficazes quanto as que dispunham os policiais, o narrador particulariza esses porretes, adjetivando-os como “respeitáveis”. Retira-os da condição de simples pedaços de madeira e leva-os à categoria de armas, que poderiam ser de grande proveito ao longo do enfrentamento.

16

No mesmo trecho, a massa, que em várias situações recuou frente ao armamento profissional da repressão – “Um estranho cilindro [gás lacrimogêneo] jogado da esquina fez uma curva no ar e estourou, num estrondo, no meio da estudantada que corria pra todos os lados” (Syrkis, 1981, p.19) – é representada em situação de avanço: “Naquela noite foi com muita raiva que avançamos em cima da PM, sem o menor receio [...]” (Syrkis, 1981, p.53). Neste ponto, aflora a coragem dos manifestantes, pois os membros da oposição que formavam o grupo de estudantes, mesmo estando em visível desvantagem bélica, são representados como indivíduos que não hesitam em investir contra a polícia. A coragem é realçada quando o narrador faz uma espécie de breve caracterização psicológica da coletividade. À “raiva” soma-se “sem o menor receio”. Aqui, entende-se “raiva” como estado psicológico que abarca a insatisfação ante a violência da repressão armada. Em seguida, “sem o menor receio” caracteriza psicologicamente aqueles estudantes como corajosos, destemidos, dando-lhes uma faceta de heroísmo. É pela coragem que se avança, não pelas armas que são usadas.

Repare-se a assimetria das forças: de um lado, o efetivo policial está “concentrado em duas filas” e protegido com capacetes, o que deixa entrever uma ação baseada

em táticas disciplinadas de combate e no uso de equipamentos de proteção típicas de circunstâncias como estas. São formas de agir e características típicas de quem recebeu treinamento militar profissional. Do outro, os manifestantes, que não lutam usando tática de enfrentamento e cuja “munição” utilizada (bilhas de aço, pedras) denunciam uma ação pautada no improvisado. Mas o narrador, procurando dar uma dimensão heroica aos opositores do regime, representa seu ataque sem menosprezo a seus poucos recursos. Ao contrário, intensifica o arrojado das pedras e bilhas de aço sobre os policiais representando-o como uma “chuva” (Syrkis, 1981, p. 53).

O improvisado vence por sua coragem. “Naquela noite de 31 março, quarto aniversário do golpe, a repressão levava a pior [...]” (Syrkis, 1981, p.54).

Abaixo, outro trecho para análise. Em meio à agitação provocada pela intervenção policial, o narrador focaliza a ação de um dos manifestantes:

Cena cinematográfica: o companheiro pegou [uma] pá enferrujada [...] e buscou o cavaleiro [policial] mais próximo. Deixou vir em cima, agachou num rodopio evitando o sabre e, levantando o corpo num movimento elástico, vibrou uma tremenda pazada nos peitos do outro, que voou por sobre as ancas do corcel, caindo estatelado junto ao meio fio (Syrkis, 1981, p.61-62).

17

Neste excerto há outro exemplo de um confronto assimétrico. O policial, um entre os muitos instrumentos repressivos do Estado, usa recursos de enfrentamento militar: o cavalo e o sabre. Já o manifestante, desprovido de qualquer tipo de arma, arranja-se de maneira improvisada, usando uma pá. Mas não é uma pá qualquer. Está “enferrujada”, o que acentua a precariedade dos meios com os quais se enfrentava a repressão e, ao mesmo tempo, a coragem e o heroísmo de quem, dispondo de objeto precário, consegue combater eficazmente os preparados policiais. Ressalte-se, o qualificativo “enferrujada” não deprecia o improvisado dos manifestantes.

O narrador mantém no anonimato o manifestante que usa a pá. Talvez por, de fato, não saber seu nome. Mas o procedimento tem sentido dentro da narrativa. Identificando-o sob o termo genérico de “companheiro”, permite supor que sua atitude é metonímia do heroísmo de toda a coletividade, que recorria às obras contíguas às manifestações para dali retirar as armas com as quais enfrentava a repressão. Sendo ele parte do todo, é verossímil tratá-lo apenas como “companheiro”.

O trecho suscita alusões com a afamada cena da literatura judaico-cristã, a que já nos referimos. O mítico confronto entre Davi e Golias.

Ali, a superioridade de Golias, tanto bélica quanto física, é evidente. Portando espada, lança e escudo “[...] saiu do acampamento dos filisteus um campeão chamado Golias, de Get, cujo talhe era de seis côvados e um palmo [cerca de 2,90 metros]” (Cf. Bíblia, I Samuel, Cap. 17, Vers. 45). Apesar das gritantes diferenças entre os oponentes, o desfecho, como sabemos, é favorável a Davi, um adolescente, que derrota seu oponente lançando mão apenas de uma funda (vers. 48 a 51).

Na cena “cinematográfica” de *OC*, não estaria o leitor diante de um conflito semelhante? O personagem anônimo, o “companheiro” aparentemente à mercê dos golpes da repressão, faz de uma pá enferrujada a sua funda com a qual vence o policial.

Porém, registre-se: às eventuais vitórias dos manifestantes, como as aludidas acima, se referem a situações isoladas, incapazes, em seu conjunto, de derrotar o todo do regime. Nem por isso, a representação que delas faz o narrador deixa de dar uma dimensão heroica a seus executores.

A REPRESENTAÇÃO CÔMICA DA OPOSIÇÃO CLANDESTINA

Ao longo da narrativa, Syrkis se autorrepresenta como indivíduo politicamente mais preparado que os demais integrantes da VPR. Isso é mais ostensivo quando, por exemplo, constrói-se como personagem defensor do chamado convencimento ideológico junto à sociedade civil e às massas. Trata-se de algo rechaçado quase unanimemente pela esquerda armada da época – e também por seus companheiros imediatos. Para a esquerda de então, o convencimento era perda de tempo, o que importava era a organização da luta armada. Para estes, a derrota da ditadura só viria a partir da luta violenta contra um regime também violento.

O personagem Syrkis, que atua ali pelos idos dos anos 1968, parece se posicionar como se conhecesse o futuro. Age como se já intuisse a derrocada da guerrilha, seu fracasso, seu isolamento em relação às massas, enfim, toda a história que o autor/escritor Syrkis já conhece. Eis, então, aquilo que os historiadores chamam de anacronismo. Ao reordenar os fatos históricos, via discurso, o escritor acaba deformando seus personagens, fazendo-os agir segundo uma consciência de seu momento que, de

fato, esses personagens nunca tiveram. Com efeito, será que o Syrkis real, um garoto de 19 anos, sabia da importância da conscientização das massas como o personagem Syrkis representado na narrativa? Será que é consciente de todo o fracasso que, depois, adviria? Seguramente, não; ou então não iria se meter numa luta fadada ao fracasso. Assim, convém observar o seguinte fragmento:

[...] Na nossa organização não há lugar pra estruturas de trabalho de massas. São muito vulneráveis, pouco clandestinas [...] Esse negócio de organismo, pra trabalho de massas, é um *pobrema* [*sic*] danado. Nós queremos é construir uma organização [...] ultra-clandestina que faça as grandes ações destinadas a sacudir o país e ter um grande impacto sobre o povo (Syrkis, 1981, p.135-136).

Aqui, avaliando a organização a que pertence Syrkis, fala um certo Juvenal (comandante da VPR até seu assassinato em abril de 1970). A posição do dirigente é clara: as ações contra o regime ficariam a cargo de organizações clandestinas e armadas. É o vanguardismo: as transformações levadas a cabo pelas esquerdas seriam geradas por poucos indivíduos, que influenciariam o restante da população. Eis, aliás, o mantra de toda a esquerda revolucionária de então. Posição com a qual o personagem/narrador Syrkis não concorda. Este, de fato, coloca-se como antagonista de Juvenal no referente às estratégias da oposição. “Eu defendia que devíamos conservar um [...] trabalho de massas nas escolas [...]” (Syrkis, 1981, p.135). Não se trata de um Syrkis/narrador que critica, no presente da narrativa, os erros do passado. Trata-se de um Syrkis/personagem claramente antagonizado em relação ao seu comandante. Trata-se, além disso, do militante que, ao contrário até mesmo dos líderes mais experientes e destacados, vê o que só 10 anos depois foi ficando, aos poucos, evidente para toda a esquerda.

Simultaneamente, a descrição de Juvenal é desqualificadora. Suas características físicas e intelectuais remetem a um indivíduo inapto para assumir o comando de uma organização em luta contra o governo militar. O narrador articula a descrição de Juvenal de duas maneiras: a) transcreve, em discurso direto, a fala do personagem de modo a acentuar seu dialeto pouco afeito a padrões: “Esse negócio de organismo, pra trabalho de massas, é um *pobrema* [*sic*, *italico* nosso]”, a título de denunciar as limitações culturais pretensamente insuficientes do líder; b) compõe sua descrição física pejorativamente, atribuindo-lhe características impróprias para um indivíduo que, vez ou outra, participaria de ações militares:

[...] Desengonçado [...] com uma discreta barriguinha que lhe estufava a camisa à frente. Meio curvado [...] Nada poderia corresponder menos à imagem do famoso Juvenal-grande-quadro-da-organização. Passada a primeira impressão de quem esperava um atlético Che Guevara, terminamos nos afeiçoando ao bom mineirão (Syrkis, 1981, p.134).

A insatisfação quanto ao isolamento da guerrilha não se resume apenas a desqualificar quem a lidera. Ela se estende às ações clandestinas da organização, descritas como tarefas que pouco cooperariam com a derrocada dos militares. Por isso, a representação das táticas usadas pela guerrilha parece salientar os erros cometidos ao longo das mesmas, chegando, às vezes, a ridicularizar os guerrilheiros, tomando-os como objeto de riso. Riso satírico, posto que a representação da guerrilha, ao focar os equívocos cometidos pelos personagens que compõem a VPR, pretendia evitar que essa forma de ação política se repita. Neste contexto, note-se como o narrador discorre sobre um episódio envolvendo os militantes, jocosamente intitulado de “carro voador”:

Onório arrancou. Dobrou a esquina com o pé na tábua e foi cruzando sem olhar as ruas transversais, a mais de 100.

– Calma, rapaz. Não precisa correr tanto, dizia Ivan.

Só então reparou que o motorista estava nervosíssimo, descontrolado.

– Tão nos seguindo... Mete bala, mete bala.

– Mete bala em quem? O fusca atrás da gente é a nossa cobertura, o carro onde nós távamos antes, seu babacão!

[...] Onório num transe esquisito prosseguiu reto pelos paralelepípedos que deram ladeira abaixo, numa estrada de terra, escura, muito íngreme [...] / A descida acabava nuns barracos de favelas [...] e num boteco miserável onde umas dez pessoas biritavam em farto palavrório. / – O negócio é sair de ré, disse Ivan. / Onório engrenou a marcha ré e pisou. As rodas traseiras giravam sobre si mesmas [...] – Vamos sair a pé, antes que apareça a polícia [...] / [...] Onório saiu do outro lado batendo a porta. Foi aí que aconteceu ... / O Volks disparou sozinho, ladeira abaixo, [...] e arremeteu contra o muro de uma casa com um estrondo de acordar defuntos / Onório tinha esquecido de puxar o freio de mão...” (Syrkis, 1981, p.213-214).

No excerto acima, as ações são todas lamentáveis (das ofensas, passando pelas desatenções, indo até os equívocos), sendo mais um sinal da opinião do autor Syrkis sobre a situação da guerrilha como um todo. Para tal, o narrador e o personagem Ivan atuam de forma a expor o personagem Onório ao ridículo, configurando-o como o oposto do guerrilheiro, que, segundo o estereótipo corrente, deveria ser heroico. Em primeiro lugar, enfatiza-se a inaptidão de Onório para desempenhar a tarefa que lhe

havia sido atribuída – a de motorista do grupo –, caracterizando o personagem como indivíduo psicologicamente desequilibrado, cujas ações são irrefletidas, ou melhor, guiadas por um “transe esquisito”. Na sequência, o personagem Ivan reforça o posicionamento de Syrkis, censurando Onório duramente: “[...]seu babacão!”

A ridicularização da guerrilha não isenta personagens. Pelo contrário, se estende irrestritamente sobre os guerrilheiros, submetendo a situações vexatórias quem, vez ou outra, assume uma posição de autoridade. É o que acontece com Ivan. No mesmo episódio, o referido personagem, que momentos antes repreendia o confuso Onório, é posto numa situação tão ou mais ridícula. A sequência da cena exemplifica muito bem:

A massa furiosa, saiu ao encalço deles, babando sangue, [...]
A vanguarda pernas-pra-que-te-quiero, ladeira acima.
Ivan que se atrasou para recuperar uma martarocha esquecida no carro da cobertura ficou diante de um grupo de favelados armados de paus, facas e navalhas que subiam gritando:
– Líííncha!
Também ele começou a gritar:
– Líííncha! Esfola! Pega-ladrão!
Na penumbra da ladeira mal iluminada e na confusão do corre-corre juntou-se aos perseguidores que tomaram aquele *negrinho* como sendo mais um favelado furioso com a afronta. Negócio de jogar automóvel em favela é coisa de branco! Com toda razão... (Syrkis, 1981, p.214, *italico* nosso).

21

O viés satírico da cena, além de provocar o riso do leitor, enfatiza um erro crasso da esquerda armada da época: o isolamento social. Guerrilheiros vanguardista, majoritariamente oriundos da classe média jovem branca de zona sul (Syrkis, sendo o melhor exemplo), provocam graves estragos numa favela e fogem atabalhoadamente do povo, por quem, afinal lutam e por quem, presumivelmente, deveriam ser acolhidos. Ivan, o único negro do grupo consegue se misturar aos favelados, negros como ele, mas numa situação de flagrante de traição aos companheiros. A cena expõe a crítica do narrador a uma política que visa transformações sociais, porém executada longe das massas, no âmbito privado, predestinada, na opinião do autor, ao insucesso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Das reflexões acima depreendem-se algumas inferências. A primeira delas advém do cotejo da obra com *O que é isso, companheiro?* Ao focar o despreparo daqueles

jovens que almejavam transformar o país com “um punhado de metralhadoras”, entende-se que Syrkis, ao modo de Gabeira, estaria optando pela esfera pública como *locus* ideal em que deveria se realizar a oposição ao regime e, de resto, qualquer ação política. Isto se evidencia quando o autor escolhe os estilos (sério/heroico e cômico/satírico) para representar os dois momentos sobre os quais a narrativa se refere: para o pré AI-5, o estilo sério/heroico, e para o pós AI-5, o estilo cômico/satírico. Nesta escolha, entende-se, estão embutidos seus juízos de valor sobre as formas de oposição das quais ele participou antes de se exilar. Assim, eleva as formas de oposição anteriores ao AI-5, representando-as mediante o viés sério/heroico, em detrimento da oposição posterior ao aludido ato institucional, especificamente a guerrilha, representada sob um viés cômico. Neste caso, pensando o cômico pela perspectiva de Bakhtin (1990), mais que divertir o leitor com cenas engraçadas, proporciona a aproximação com o objeto representado, no caso a guerrilha, permitindo sua melhor avaliação.

Há outras inferências possíveis. Em primeiro lugar, a escolha do autor quanto aos estilos com os quais representa ambos os momentos da narrativa manifestam certa cautela. Ao evitar a posição de paladino da guerrilha, Syrkis protege-se de possíveis represálias por parte dos militares, caso a “linha dura” do regime militar conseguisse impedir o processo de transição política, ainda incipiente à altura da publicação do livro, em 1980. Além disso, a dimensão heroica com que representa as formas de oposição públicas e não-violentas (similares à encontrada por ele quando de seu regresso ao Brasil em 1979) confere-lhe certa admissão nos movimentos sociais pós-Anistia.

Com isso, a narrativa do autor teria efeito pedagógico. Dentre as suas muitas funções naquele momento em que se iniciava a chamada Abertura, estava a de funcionar como espécie de manual didático, oferecendo lições para a militância de então, ministradas por um indivíduo que conhece diferentes formas de oposição política e sabe optar pelas mais profícuas.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Nova cultural, 1999.

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Trad. Susy Frankl Sperber e George Bernard Sperber. 3ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1994.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Bernardini et al. São Paulo: Edunesp/Hucitec, 1990.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. João José Pedreira de Castro. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2008.

GABEIRA, Fernando. *O que é isso, Companheiro?* São Paulo: Abril Cultural, 1984.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira, Geraldo Géron de Souza, Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Edusp, 2005.

PEREIRA, Rogério. Fronteiras da literatura brasileira contemporânea: *O que é isso, companheiro?*, entre o público e o privado. X SEL- Seminário de Estudos Literários, 2010, UNESP, Campus de Assis.

RIDENTI, Marcelo. As oposições à ditadura: oposição e integração. In. MOTTA, Rodrigo Patto Sá; REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; (org.) *A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.

SYRKIS, Alfredo. *Os carbonários: memórias da guerrilha perdida*. São Paulo: Global editora, 1981.

CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS DE ESTUDANTES INDÍGENAS DO CURSO DE LETRAS DA UFGD¹

*Linguistic beliefs and attitudes of indigenous students on
the Language Course at UFGD*

CAMILA CAMATA DE LIMA

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)
E-mail: camilaccamata@gmail.com

MARILZE TAVARES

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)
E-mail: marilzetavares@ufgd.edu.br

Resumo: Este estudo tem como objetivo investigar aspectos relativos às crenças e atitudes que estudantes indígenas matriculados no Curso de Letras da UFGD manifestam em relação à língua portuguesa e à língua materna (Guarani ou Kaiowá) bem como outras questões referentes a possíveis dificuldades linguísticas e não linguísticas enfrentadas para permanecer na universidade. A metodologia utilizada foi a de aplicação de questionário com perguntas objetivas e perguntas abertas a um grupo de 09 estudantes indígenas que se dispuseram voluntariamente a participar da pesquisa. O trabalho se fundamenta, teoricamente, nos estudos de Lambert; Lambert (1981), Moreno Fernandes (1998), Maher (2007), Bagno (2007), Lagares (2018) entre outros. Dentre os resultados obtidos, verificou-se que a preocupação em aperfeiçoar a proficiência em língua portuguesa é um dos principais motivos que levam os estudantes ao Curso de Letras, e, ao mesmo tempo, é falta de domínio completo dessa língua a principal dificuldade desses estudantes para se manterem no curso; além disso, os participantes relatam situações de preconceito em relação às línguas indígenas utilizadas, e demonstram, eles mesmos, algumas avaliações negativas em relação à língua materna indígena.

Palavras-chave: Crenças e atitudes linguísticas. Estudantes indígenas. Curso de Letras/UFGD.

1 Este texto foi elaborado, inicialmente, como relatório de Iniciação Científica, e, posteriormente, reorganizado com as contribuições da segunda autora.

Abstract: This study aims to investigate aspects relating to the beliefs and attitudes that indigenous students enrolled in the UFGD Language Course express in relation to the Portuguese language and their mother tongue (Guarani or Kaiowá) as well as other issues relating to possible linguistic difficulties and not linguistic difficulties faced to stay at university. The methodology used was to apply a questionnaire with objective questions and open questions to a group of 9 indigenous students who were voluntarily willing to participate in the research. The work is theoretically based on Lambert's studies; Lambert (1981), Moreno Fernandes (1998), Maher (2007), Bagno (2007), Lagares (2018) among others. Among the results obtained, it was found that the concern with improving proficiency in Portuguese is one of the main reasons that lead students to the Literature Course, and, at the same time, the lack of complete command of this language is the main difficulty faced by these students. to stay on course; Furthermore, participants report situations of prejudice in relation to the indigenous languages used, and demonstrate, themselves, some negative evaluations in relation to the indigenous mother tongue.

Keywords: Linguistic beliefs and attitudes. Indigenous students. Language Course/UFGD.

INTRODUÇÃO

O Censo da Educação Superior, realizado anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), tem mostrado que, especialmente nas últimas décadas, a quantidade de estudantes indígenas no ensino superior aumentou significativamente². Entre outras razões, é possível supor que isso se deva às reservas de vagas para os cursos em geral e também à criação de cursos especificamente para essa população.

Na Universidade, onde se realizou esta pesquisa, candidatos indígenas que estudaram tanto em escolas privadas quanto em escolas públicas têm vagas reservadas garantidas em todos os cursos por resolução interna aprovada desde 2018. Além disso, a instituição conta também, desde 2012, com o Curso de Licenciatura Indígena, destinado especificamente aos estudantes indígenas.

Assim, se o ingresso ao ensino superior tem sido relativamente mais acessível, não se pode dizer o mesmo da permanência desses estudantes na universidade. No cotidiano dos universitários indígenas, existem dificuldade de várias ordens – algumas,

2 *Número de indígenas no ensino superior é 5 vezes maior que em 2011, aponta levantamento.* Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/05/06/numero-de-indigenas-no-ensino-superior-e-5-vezes-maior-que-em-2011-aponta-levantamento.ghtml>. Acesso em: 14 nov. 2023.

evidentemente, comuns a acadêmicos não indígenas também. Parte-se do pressuposto de que, em cursos nos quais o domínio da língua portuguesa é cotidianamente mais exigido na apresentação de trabalhos orais e escritos, as dificuldades são ainda maiores, porque grande parte dos estudantes indígenas aprendem o português como segunda língua e são, em geral, mais proficientes em sua língua materna, geralmente Guarani ou Kaiowá, no caso dos estudantes participantes desta pesquisa.

Considerando esse contexto, a pesquisa, cujos resultados se apresentam neste artigo, teve como objetivo principal investigar aspectos relativos a crenças e atitudes de estudantes indígenas matriculados no curso de Letras de uma Universidade de XX tendo como foco a avaliação que fazem de sua língua materna e da língua portuguesa, além de outras questões relativas a sua permanência na universidade³.

No que se refere à metodologia para esse tipo de pesquisa, conforme expõe González Martínez (2008), existem diferentes possibilidades, dentre as quais, podem-se citar a entrevista com perguntas abertas e questionários com questões objetivas e a apresentação de amostras de fala para que o informante emita julgamentos. Considerando os objetivos estabelecidos para o estudo proposto e o fato de que o trabalho se inicia como um projeto de Iniciação Científica, optou-se que o método de aplicação de questionário com questões abertas e questões objetivas seria o mais conveniente e adequado.

26

Assim, foi elaborado um instrumento contendo 12 questões a partir das quais os estudantes pudessem registrar suas impressões sobre as línguas que utilizam e sobre outros aspectos que também contribuíssem para a compreensão da temática. Após testadas e revisadas, as questões foram transferidas para um formulário digital. O passo seguinte foi identificar os eventuais participantes (isto é, os estudantes indígenas) e fazer um convite para que respondessem às questões. Foram enviados 15 formulários e obteve-se o retorno de 09 formulários respondidos. A coleta de dados foi realizada no ano de 2023.

Na sequência deste texto, apresentam-se algumas questões teóricas que fundamentam a discussão e, em seguida, a análise dos resultados obtidos.

3 A pesquisa está vinculada a projeto aprovado pelo Comitê de Ética da UFGD, conforme o Parecer n. 5.139.645 de 01 de dezembro de 2021.

BREVES QUESTÕES TEÓRICAS: CRENÇAS E ATITUDES, BILINGUISTO E PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Conforme já esclarecido, a pesquisa tem como objetivo compreender aspectos da situação linguística de estudantes indígenas do curso de Letras da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD e outros aspectos – algumas vezes derivados desse – a respeito de sua permanência na instituição. Em razão dos desdobramentos do objetivo geral, considerou-se relevante para o estudo, recuperar, ainda que brevemente, algumas concepções a respeito de crenças e atitudes linguísticas, noções de bilinguismo e de preconceito linguístico.

Crenças e atitudes linguísticas

Os estudos referentes a crenças e atitudes nascem no contexto da Psicologia Social para avaliação de questões diversas e, apenas posteriormente, acabam sendo aplicados também às questões linguísticas. Lambert e Lambert (1981, p. 100) explicam que uma atitude é “[...] uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir a pessoas, grupos, problemas sociais ou, de modo geral, a qualquer acontecimento no ambiente”. Além disso, os autores também explicam que pensamentos, crenças, sentimentos e emoções são componentes essenciais de uma atitude.

Em outras palavras, mas no mesmo sentido, Fenner (2013, p, 39) menciona que “[...] a atitude não é apenas o resultado de uma crença, mas que os modos de pensar, de sentir e de agir estão interligados de tal maneira que fica difícil separá-los”.

As crenças e atitudes linguísticas são elementos fundamentais na construção da identidade linguística de um indivíduo, influenciando a forma como ele se comunica, como percebe sua língua materna e as outras línguas que utiliza ou com as quais convive, e como se relaciona com outras culturas e grupos. Esses elementos podem ser positivos ou negativos e são construídos e moldados por diversos domínios das experiências pessoais, como a família, a escola, a religião, os grupos de amigos, além de serem muito influenciados pela mídia.

Desse modo, entender quais são as crenças e atitudes de um grupo de falantes é relevante, porque as atitudes, por exemplo, em relação a uma língua ou a uma variedade de língua podem interferir significativamente em casos de mudanças ou alternância de línguas. Isso ocorre porque

[...] uma atitude favorável ou positiva pode fazer com que uma mudança linguística aconteça mais rapidamente, que em determinados contextos o uso de uma língua predomine em detrimento de outra, que o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira seja mais eficaz, que determinadas variantes linguísticas estão confinadas a contextos menos formais e outras predominam em estilos cuidadosos. Uma atitude desfavorável ou negativa pode levar ao abandono e esquecimento de uma língua ou impedir a difusão de uma variante ou mudança linguística (Moreno Fernández, 1998, p.179)⁴.

Conforme se verifica no trecho transcrito, entende-se que se os falantes têm atitudes negativas em relação à própria língua, podem deixar de usá-las e, portanto, deixar de transmiti-la às gerações seguintes. Ainda sobre a importância desse tipo de estudo, Bortoni-Ricardo (2014), após explicar que as pesquisas relativas aos sentimentos positivos ou negativos que os falantes nutrem em relação a línguas ou variedades são incluídos entre os componentes macrossociais da Sociolinguística, afirma:

Conhecer esses sentimentos é importante na aferição da vitalidade das línguas, de sua preservação, ou, alternativamente, do deslocamento de uma língua por outra em comunidades bilíngues ou plurilíngues. Em relação a línguas e variedades que compõem o repertório de sua comunidade de fala, os falantes podem ter sentimento de orgulho, de lealdade, podem nutrir por elas sentimentos positivos, considerando-as bonitas e agradáveis de ouvir ou sentimentos negativos, associando-as a *status* desprestigiados da sociedade (Bortoni-Ricardo, 2014, p.42).

28

Assim, considerando o contexto da pesquisa com os estudantes indígenas, fica evidente que as crenças e atitudes linguísticas positivas podem ajudar a valorizar e preservar a língua e a cultura materna, estimular o respeito e a valorização da diversidade linguística e cultural. Já as crenças e as atitudes negativas podem levar à desvalorização da língua materna e de outras línguas, ao preconceito linguístico e até à exclusão social.

Os participantes da pesquisa são futuros professores e, portanto, serão sujeitos com relativa influência em suas comunidades. Por isso conhecer o que pensam, o que

4 No original: [...] una actitud favorable o positiva puede hacer que un cambio lingüístico se cumpla más rápidamente, que en ciertos contextos predomine el uso de una lengua en detrimento de otra, que la enseñanza-aprendizaje de una lengua extranjera sea más eficaz, que ciertas variantes lingüísticas se confinen a los contextos menos formales y otras predominen en los estilos cuidados. Una actitud desfavorable o negativa puede llevar al abandono y el olvido de una lengua o impedir la difusión de una variante o un cambio lingüístico.

declaram sentir e como dizem agir em relação às línguas envolvidas em sua comunicação cotidiana é relevante pelo potencial de oferecer indícios sobre a necessidade de investigações mais ampliadas que possam subsidiar determinadas políticas linguísticas.

É preciso mencionar que as reflexões sobre crenças e atitudes linguísticas se fazem muito necessárias, especialmente, em situações em que duas ou mais línguas estão em contato, resultando, por exemplo, em bilinguismo. Na sequência, apresentam-se algumas considerações a respeito desse assunto.

Bilinguismo

Inicialmente pode-se definir bilinguismo como “a capacidade de se falar duas línguas” ou “o domínio de duas línguas”. Essas são, inclusive, definições encontradas em dicionários de Linguística ou em dicionários gerais de língua portuguesa⁵. No entanto, como existem diferentes situações de bilinguismo, esse termo e a expressão “ser bilíngue” nem sempre podem ser explicados de forma fácil e objetiva.

Neste estudo, não se pretende aprofundar questões relacionadas ao bilinguismo, mas apenas retomar algumas concepções que foram consideradas importantes tendo em vista o tema da pesquisa e a necessidade de se compreenderem os dados coletados, isto é, as respostas dos estudantes.

Alguns linguistas propuseram, no passado, definições bastante restritas para o termo bilinguismo. Bloomfield (1933), por exemplo, entendeu como falante bilíngue aquele que possui total domínio de duas línguas. A definição desse autor foi um ponto de partida para outros pesquisadores que, posteriormente, trouxeram ideias e definições diferentes acerca do assunto.

Nesse sentido, Lyons (2013) questiona o que significa dizer que uma pessoa é bilíngue e discute a possibilidade do que chama de bilinguismo perfeito.

Podemos admitir, como ideal teórico, a possibilidade do bilinguismo perfeito, definido como competência total em duas línguas, equivalente à competência que um falante monolíngue nativo tem em uma. O bilinguismo perfeito, se é que existe, é extremamente raro porque é raro que as pessoas estejam em posição de usar cada língua numa gama completa de situações e de adquirir, dessa forma, a competência exigida (Lyons, 2013, p. 227).

5 Ver, por exemplo, R. L. Trask (2004) e Caldas Aulete Digital.

Considerando as reflexões dos dois autores, em outras palavras, o completo e equivalente domínio de duas línguas resultaria no chamado “bilinguismo perfeito”. Se o critério fosse, de fato, domínio completo de duas línguas, existiriam poucos falantes bilíngues e faltaria explicar os casos em que os falantes dominam uma língua, mas não falam essa língua e apenas entendem o que ouve em outra língua, ou os casos em que dominam uma língua, conseguem entender e falar em outra, mas não com a mesma proficiência. Esse último parece ser o caso de muitos acadêmicos indígenas que têm o Guarani (ou Kaiowá) como língua materna e o português, algumas vezes, aprendido posteriormente, apenas quando iniciam a escola.

Dessa forma, diante de diferentes situações de bilinguismo verificadas na prática, considerar que, para ser bilíngue, é necessário dominar “completamente” duas línguas já é uma ideia atualmente entendida pelos pesquisadores como equivocada. Para Maher (2007), por exemplo, não existe o sujeito bilíngue ideal e não é possível ter habilidades idênticas em duas línguas diferentes, mesmo que o falante tenha total determinação e capacidade para realizar esse feito. Essa autora afirma que

[...] o bilíngue – não o idealizado, mas o de verdade – não exibe comportamentos idênticos na língua X e na língua Y. A depender do tópico, da modalidade, do gênero discursivo em questão, a depender das necessidades impostas por sua história pessoal e pelas exigências de sua comunidade de fala, ele é capaz de se desempenhar melhor em uma língua do que na outra – e até mesmo de se desempenhar em apenas uma delas em certas práticas comunicativas (Maher, 2007, p.73).

30

Por isso, convém reiterar, que pensar em um falante bilíngue apenas como aquele que tem o domínio total das duas línguas é ignorar essas situações e suas necessidades. Para o falante indígena, por exemplo, muitas vezes, a necessidade de ser atendido no posto de saúde, no banco, no órgão de assistência social, ou outros locais, os obriga a utilizar uma segunda língua, no caso o português. Isso, porém, não significa dizer que o domínio dessa segunda língua será como o da primeira língua aprendida mais naturalmente no domínio da família e da comunidade onde vive.

Considerando os estudantes universitários, vale lembrar que, evidentemente, já concluíram o ensino médio e, por isso, passaram por alguns anos de ensino formal de língua portuguesa na escola. Em geral, observa-se que a comunicação desses estudantes na oralidade é satisfatória. Já em relação à escrita, as limitações são maiores. Obviamente dificuldades na oralidade e na escrita em língua portuguesa, em ambientes

não familiares, podem ser verificadas também em relação a estudantes não indígenas, entretanto, algumas dificuldades serão, naturalmente, maiores para quem aprende a língua portuguesa como segunda língua. Por fim, é preciso esclarecer que essas afirmações são feitas a partir da experiência da observação, e a pesquisa pretendeu verificar as impressões desses sujeitos sobre essas questões.

A essa discussão, vale acrescentar ainda a ideia de que, em situações de bilinguismo, as duas línguas adquiridas por um falante podem ter prestígio equivalente ou muito semelhante; ou podem ter prestígio e/ou funções distintas. No caso das situações de bilinguismo resultadas do contato das línguas indígenas com a língua portuguesa, é possível recorrer ao conceito de diglossia (Ferguson, 1959). Inicialmente, esse conceito foi aplicado aos casos em que duas variantes da mesma língua coexistem e que cada uma tem um papel diferente e, conseqüentemente, um valor diferente. Mais tarde, o conceito passou a ser aplicado também a situações de contato entre línguas.

Lagares (2018, p.130), a esse respeito, retomando Fishman, menciona diferentes situações: diglossia com bilinguismo, diglossia sem bilinguismo, bilinguismo sem diglossia, nem diglossia e nem bilinguismo. Dessas, a primeira situação – diglossia com bilinguismo – é a que mais interessa para o contexto desta pesquisa, uma vez que se tem uma comunidade de falantes que emprega, de forma geral, duas línguas, e destina a cada uma delas diferentes funções. Além disso, o prestígio que cada língua recebe é diferente. Em outras palavras, cada língua é utilizada em domínios distintos: em casa e em espaços sociais do interior da comunidade, utiliza-se a língua materna indígena; fora da comunidade, como na universidade, por exemplo, utiliza-se a língua portuguesa.

31

Em situações em que variedades distintas ou línguas distintas coexistem, e que às variedades ou às línguas são atribuídas valorações diferentes, podem ocorrer situações de preconceito linguístico, assunto sobre o qual são feitas algumas reflexões a seguir.

Preconceito linguístico

Há várias décadas, pautas relativas ao preconceito de modo geral costumam estar em evidência. Debate-se, nesse contexto, sobre questões de raça/cor, gênero, orientação sexual, religião entre outras. Porém, ao que consta, é mais restritamente no âmbito acadêmico onde se discute sobre preconceito linguístico, muito presente

na sociedade brasileira especialmente porque existe uma grande diversidade de línguas e de variedades de línguas.

Dentre os pesquisadores brasileiros que mais discutem essa temática, está Marcos Bagno. Esse linguista foca justamente na discriminação gerada pelo preconceito linguístico, muitas vezes ignorado ou considerado menos grave do que outras formas de preconceito. De acordo com o autor,

[...] a verdade é que no Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país — que gera as diferenças regionais, bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceito —, mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo o mundo. São essas graves diferenças de status social que explicam a existência, em nosso país, de um verdadeiro abismo lingüístico entre os falantes das variedades não-padrão do português brasileiro — que são a maioria de nossa população — e os falantes da (suposta) variedade culta, em geral mal definida, que é a língua ensinada na escola (Bagno, 2007, p. 15-16).

Diante disso, é preciso considerar que o preconceito linguístico pode afetar a autoestima das pessoas que são discriminadas, além de impedir seu acesso a oportunidades de emprego, educação e outros espaços da vida em sociedade. É de suma importância destacar também que o preconceito linguístico está atrelado ao preconceito social e muitas vezes é utilizado como uma forma de manter as desigualdades existentes na sociedade. Infelizmente, muitos brasileiros ainda associam, de maneira negativa, a forma como as pessoas falam com sua origem social, econômica ou étnica, perpetuando estereótipos e preconceitos que afetam a vida de milhões de pessoas.

Os preconceitos e atitudes de desvalorização ocorrem em relação a variedades de uma mesma língua e também em relação a línguas consideradas minoritárias, como as línguas indígenas em alguns contextos. Nesse raciocínio, é possível pensar que indígenas bilíngues – português/Guarani ou Kaiowá, por exemplo – podem ser afetados duplamente em relação ao preconceito linguístico. Primeiramente pode ocorrer de terem dificuldades em relação ao domínio da variedade considerada culta do português (já que, como mencionado, para alguns desses indivíduos, o português é aprendido como segunda língua, algumas vezes tardiamente). Depois, é necessário ter em vista também que as próprias línguas indígenas, pelas condições socioeconômicas da maioria dos seus falantes, em geral, não são dotadas de prestígio.

Diante disso, é importante que, especialmente professores e gestores, seja na educação básica, seja no ensino superior, estejam atentos às diferenças linguísticas e culturais dos estudantes indígenas e trabalhem para criar um ambiente inclusivo e acolhedor em sala de aula. Apenas dessa forma, o contexto da educação formal será um espaço de valorização da diversidade, e não um espaço de reprodução de exclusão e discriminação.

ANÁLISE DOS DADOS

Antes de se apresentarem os resultados obtidos, reitera-se que o Projeto ao qual a pesquisa que se apresenta está vinculada foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética e os participantes autorizaram, por escrito, o uso das informações para fins de trabalho acadêmico. Ainda assim, optou-se por não os identificar nominalmente e apenas apresentar algumas características de cada um dos participantes. Os participantes serão referenciados apenas por “estudante 1”, “estudante 2” etc.

Quadro 01 – Perfil dos participantes da pesquisa

Participantes	Idade	Gênero	Ano de ingresso na UFGD	Município de residência
Estudante 1	23	Feminino	2017	Dourados
Estudante 2	23	Masculino	2018	Amambai
Estudante 3	24	Feminino	2018	Amambai
Estudante 4	24	Masculino	2018	Amambai
Estudante 5	26	Feminino	2017	Dourados
Estudante 6	25	Feminino	2019	Dourados
Estudante 7	34	Feminino	2019	Amambai
Estudante 8	25	Feminino	2022	Amambai
Estudante 9	24	Feminino	2020	Amambai

Fonte: elaboração própria

Como é possível verificar, os participantes da pesquisa têm idade entre 23 e 34 anos, dois se identificam com o gênero masculino e sete com o gênero feminino. A

maioria – seis estudantes – reside no município de Amambai, que fica a aproximadamente 130 km de Dourados, onde fica a universidade; três estudantes residem em Dourados.

Além da parte da identificação do perfil dos participantes, o instrumento da pesquisa, como mencionado, foi composto por questões abertas e questões de múltipla escolha, sendo a primeira “Por que você escolheu fazer um curso de Letras?”. Antes de se apresentarem os resultados para essa questão, vale lembrar o Curso de Letras da UFGD ao qual os participantes estão vinculados possibilitam as habilitações Português/Inglês e Português/Literatura.

Dentre as respostas obtidas para a primeira questão, dois estudantes apontam de forma genérica a necessidade de ter uma profissão; dois apontam o gosto pela Literatura – pela poesia, pela escrita de histórias; e cinco participantes da pesquisa apontam o desejo de melhorar a fluência em língua portuguesa, como se pode verificar pelas seguintes respostas dadas à questão:

Por ser desafiador. Desafiador e muito bom ao mesmo tempo, pois o português sendo a minha segunda língua não seria tão fácil, mas sempre amei estudar essa área (Estudante 3).
Para melhorar o meu domínio da língua portuguesa escrita (Estudante 4).
Quero melhorar muito na língua portuguesa pois é minha segunda língua; quero ser mais fluente em língua portuguesa (Estudante 6).
Aprender mais português como língua para falar português e para melhorar a escrita. (Estudante 7).
Eu escolhi por gostar de português (Estudante 9).

34

Pode-se relacionar o fato de a maioria das respostas apontar para a necessidade de melhoria no domínio da língua portuguesa ao fato de que os estudantes têm consciência do prestígio da língua majoritária e da relevância de se ter boa fluência também nessa língua. Essa parece ser – pelas respostas obtidas – a expectativa que depositam no curso superior escolhido.

A segunda questão foi “Quais línguas você domina?”. Ao se elaborar essa questão, partiu-se do pressuposto de que os estudantes indígenas participantes da pesquisa são bilíngues, entendendo-se bilíngue, segundo Maher (2007), isto é, o sujeito capaz de desenvolver habilidades necessárias em duas línguas que possam suprir suas necessidades de comunicação, não necessariamente tendo igual domínio das línguas utilizadas.

Cinco participantes afirmaram que dominam tanto o português quanto o guarani; três afirmam que dominam apenas o guarani e um não se considera bilíngue, pois informa que só se comunica em língua portuguesa, apesar de também compreender a língua guarani. Conforme discutido na parte teórica, havendo diferentes níveis de bilinguismo, mesmo aquele indivíduo que consegue compreender em uma segunda língua também poderia ser entendido bilíngue quando se considera o bilinguismo como um processo. Vale acrescentar ainda que o sentimento do falante em relação a ser ou não bilíngue também deve ser levado em consideração.

Com a terceira questão investigava os motivos pelos quais os acadêmicos aprenderam português – “Se a língua indígena (Guarani, Kaiowá ou Terena) for sua língua materna, por que você aprendeu português também?” Os estudantes 2, 3, 4, 8 e 9 afirmaram que aprenderam o português após terem aprendido a língua indígena guarani, pela necessidade de interagir com pessoas fora de suas comunidades. Já os participantes 1, 6 e 7 aprenderam tanto o português quanto o guarani simultaneamente, de forma natural e não souberam apontar um motivo específico para isso. Em consonância com as respostas dadas à questão anterior, um dos participantes (o 5) respondeu que não possui conhecimento da língua indígena guarani, apenas do português, pois seus pais não o ensinaram. Como se nota pela maioria das respostas, a aquisição de uma segunda língua está ligada à necessidade de adaptação a um ambiente significativamente diferente do habitual. Compreende-se que aprender português, para esse grupo, significa a chance de mais oportunidades tanto de estudo quanto de trabalho. Aprender duas línguas naturalmente e ao mesmo tempo, conforme os estudos sobre o tema, pode ser mais vantajoso do que aprender a segunda língua posteriormente e tardiamente. Isso porque a proficiência será mais proximamente equivalente quando as duas línguas são aprendidas ao mesmo tempo.

A questão seguinte, a quarta do formulário, focou na autoavaliação dos participantes em relação ao domínio da língua portuguesa em sua modalidade oral – “Como você avalia a sua expressão oral em língua portuguesa?”. Os estudantes 3, 4, 5 e 8 afirmaram que não encontram dificuldades ao se comunicarem em português e conseguem interagir com qualquer pessoa. Por outro lado, os estudantes 1, 2 e 7 relataram sentir um pouco de dificuldade ao se expressarem oralmente em português, mas acreditam que estão melhorando essa habilidade. Por fim, os estudantes 6 e 9 expressaram insegurança em relação a expressão oral em português. Convém mencionar que a insegurança ao se comunicar em uma língua diferente da materna é um desafio

comum enfrentado por muitas pessoas em determinadas etapas da aquisição de um outro código linguístico, independentemente das línguas envolvidas.

A questão 5 foi “Como você avalia a sua escrita em a língua portuguesa?”. Entre as respostas obtidas, apenas o estudante 8 afirmou não encontrar dificuldades, mesmo o português sendo sua segunda língua. Por outro lado, o estudante 5 afirmou falar apenas o português e, mesmo assim, enfrenta dificuldades na escrita, como os demais informantes também afirmaram. É importante ressaltar que é bastante comum que muitos falantes que têm o português como língua materna também encontram dificuldades na escrita. Portanto, não é uma característica exclusiva de um indivíduo bilíngue que não possui proficiência suficiente na segunda língua. Ocorre, no entanto, que quando essa é uma dificuldade de estudantes indígenas, ela é somada a outros tipos de dificuldades como a de compreender determinados gêneros textuais acadêmicos, o que resulta em muito mais desafios para esse grupo de estudantes.

Após analisar um pouco das impressões que os participantes da pesquisa declararam em relação ao domínio das línguas que utilizam, direcionou-se a atenção para um estudo acerca das experiências vivenciadas no dia a dia como indivíduos indígenas no ambiente universitário. Um dos aspectos investigados foi o preconceito linguístico a partir da questão 6: “Você já sofreu/sentiu algum tipo de preconceito por estar falando a língua indígena com outros colegas na universidade? Ou já presenciou essa situação com algum outro(a) estudante indígena?”. A maioria – seis participantes – não relatam nenhuma experiência vivida ou observada de preconceito linguístico na universidade, entretanto os estudantes 6, 7 e 9 respondem afirmativamente. Nos comentários em relação à questão, o participante 9 mencionou ter presenciado pessoas rindo durante uma conversa com um grupo de colegas, enquanto o estudante 7 relatou sofrer “bastante preconceito sempre”, inclusive, algumas vezes, por parte dos próprios colegas indígenas. Na sequência, transcreve-se trecho do relato da estudante 6 sobre essa questão.

O preconceito veio de uma colega indígena mesmo que nunca mais vi e não conhecia. Na hora de um seminário, ela disse pra mim que eu tenho que falar bem em português pra não passar vergonha, porque eu falo muito errado. Mas eu usei todas os meus métodos pra isso e eu não sabia que ela tinha vergonha de como nós indígenas falamos. Mas ela tinha. Eu disse pra ela que vou fazer o que puder... pra isso que escolhi esse curso... Teve outras vezes também que uma colega da sala, que não é indígena, disse que nós indígenas não

podemos mais usar as nossas línguas maternas por ela não entender. Isso pra mim é constrangedor, me senti tão mal depois disso. São várias situações, que tem a ver com as nossas línguas... depois diz que é só umas brincadeirinhas, mas me sinto tão ofendida...

Como se pode verificar nesse relato, questões envolvendo as línguas utilizadas pela estudante incidem em seu cotidiano universitário. Como observado, a questão 6 focou mais especificamente no uso das línguas e, na sequência, procurou-se verificar também com a questão 7, se os participantes da pesquisa sentiam que já haviam sido tratados de forma diferente por colegas ou professores na universidade.

Em relação a essa pergunta, todos responderam afirmativamente. A estudante 4, por exemplo, relatou ter vivenciado situações em que duvidaram de suas notas altas, chegando a ouvir insinuações de que teria colado e registrou: “Tem gente que acha que por ser indígena tem que ter só nota baixa ou só na média”. Já os participantes 6 e 7 afirmaram que os indígenas são muitas vezes excluídos por outros colegas na formação de grupos para trabalhos. Os estudantes 3, 8 e 9 declararam que esse preconceito, inclusive, algumas vezes, parte também de professores, conforme um dos relatos transcrito na sequência.

37

Uma vez apresentamos um seminário e a professora me disse que nosso seminário estava ruim, que os slides que a gente tinha feito estavam ruins. E ela falou isso só para nós, pro nosso grupo. Mas ela não sabe que temos muita dificuldade, pois onde estudei minha vida toda até o 3º ano não tinha seminário e não preparam os alunos para seminários e por isso uns professores não entendem e acham que a gente precisa melhorar e tal... nem mexer no computador algumas vezes não sabemos mesmo. A professora reprovou eu e a minha colega porque fizemos um seminário que ela acha que não estava bom e a gente estava falando muito errado (Estudante 9).

Obviamente não seria adequado criticar a autonomia e/os critérios de avaliação da professora que, segundo a estudante, teria reprovado o grupo porque não se tem mais informações sobre a situação. Cabe observar apenas o sentimento de ter sido tratada de forma diferente, quando a estudante relata que apenas o seu grupo teria sido chamado a atenção.

Dando sequência à análise das respostas, considerando que os estudantes serão professores, especialmente em suas comunidades, a questão 8 teve como objetivo investigar as opiniões dos estudantes em relação ao ensino da língua portuguesa e das

línguas indígenas nas escolas indígenas. A pergunta formulada foi a seguinte: “Você concorda que as línguas indígenas maternas sejam ensinadas juntamente com a língua portuguesa nas escolas indígenas?” Havia, juntamente com essa questão, uma solicitação de comentário, que poucos participantes atenderam. A estudante 7 registrou que “seria importante que todas as crianças aprendessem a língua materna indígena porque isso ajudaria a preservar a cultura”; além disso, a estudante 5 acredita “ser de extrema importância que as crianças aprendam ambas as línguas ao mesmo tempo”. Dentre as respostas, no entanto, destaca-se o fato de que quatro estudantes tenham respondido “não” para essa questão. Seria possível supor uma má interpretação da questão (talvez pela forma que foi apresentada) ou entender que realmente não acham relevante ensinar a língua materna.

A nona questão foi referente às pretensões dos participantes no que se refere as suas futuras atividades profissionais após a conclusão de seus estudos; ou seja, se o interesse seria mais pela língua indígena ou pela língua portuguesa. A questão enviada aos participantes foi a seguinte: “Quando estiver formado, gostaria de trabalhar com o ensino de língua indígena ou apenas com o ensino de língua portuguesa? Por quê?”. Por meio das respostas, todos os participantes expressaram o desejo de trabalhar, se possível, com ambas as línguas. Tal resultado leva a acreditar que todos desejam desempenhar suas funções, contribuindo para o aprendizado da língua portuguesa e das línguas indígenas nas suas comunidades. Dentre os comentários expressos nessa questão, está o seguinte: “Desejo ensinar as duas línguas porque, onde resido, apenas a língua guarani é ensinada, e os alunos encontram dificuldades ao se expressarem em português, precisa trabalhar com as duas” (estudantes 9). Verifica-se que os resultados obtidos para essa questão podem ser parcialmente contraditórios com os obtidos com a questão anterior, entretanto, como observado, isso pode derivar de uma má interpretação de uma das questões.

A questão 10 investigou a opinião dos participantes sobre uma eventual inclusão de estudos sobre línguas indígenas no currículo do Curso de Letras, tendo em vista a presença significativa de comunidades indígenas na região. A pergunta enviada aos participantes foi: “Você acredita que seria relevante incluir, no Curso de Letras, conteúdos ou disciplinas (ainda que optativas) que abordassem aspectos das línguas indígenas da região?” Com essa questão, verificou-se que a maioria dos participantes, com exceção de apenas um, consideraria relevante ter conteúdos ou disciplinas relacionadas às suas línguas indígenas maternas.

Entende-se que abordar as línguas indígenas nesse contexto poderia se configurar como uma oportunidade desses estudantes se veem mais representados e também de compartilhar aspectos de sua cultura tradicional no âmbito acadêmico. Além disso, essa abordagem poderia auxiliar na redução do preconceito linguístico e do preconceito contra os povos indígenas.

Já a questão 11 solicitou, de forma objetiva, avaliação das línguas indígenas e da língua portuguesa por meio da associação de adjetivos a essas línguas. O objetivo dessa questão foi examinar mais diretamente certas crenças em relação às línguas. No formulário, a questão apareceu conforme segue.

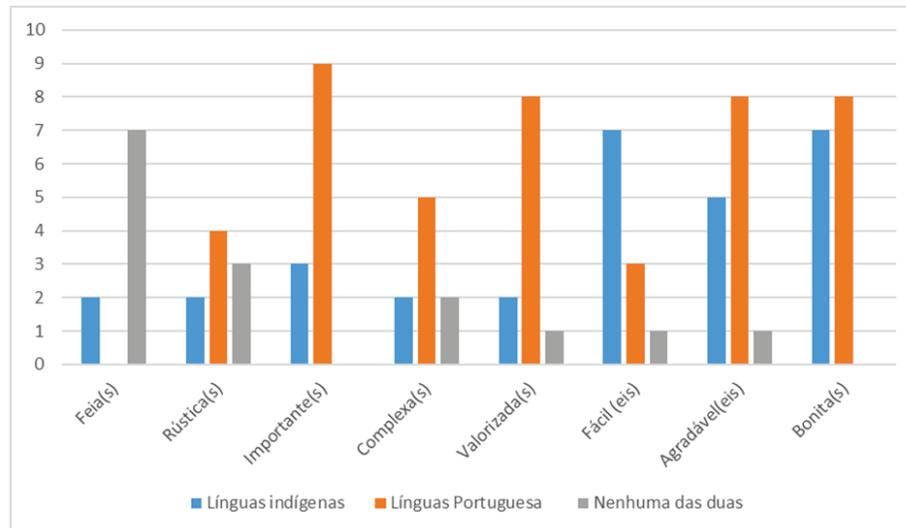
Questão 11. Relacione os adjetivos a uma das línguas, às duas ou a nenhuma.

Avaliação	língua indígena*	português	nenhuma
Bonita(s)	()	()	()
Agradável(eis) de ouvir	()	()	()
Fácil(eis)	()	()	()
Valorizada(s)	()	()	()
Complexa(s)	()	()	()
Rústica(s)	()	()	()
Importante(s)	()	()	()
Feia(s)	()	()	()

*Guarani, Kaiowá ou Terena

Os resultados obtidos em relação a essa questão estão demonstrados no gráfico a seguir.

Gráfico 1 – Comparação das impressões sobre as línguas indígenas e a língua portuguesa



Fonte: Elaboração própria

É relevante observar que, embora as avaliações tenham sido predominantemente positivas em relação a ambas as línguas, ainda se observam algumas crenças negativas em relação às línguas indígenas. Dois estudantes indicaram que consideram sua língua materna como sendo “feia”, enquanto outros dois a descreveram como “rústica”. Provavelmente essas percepções surgem devido às experiências de preconceito vivenciadas (algumas não relatadas) pelos acadêmicos, influenciando-os a acreditar que sua própria língua é “feia”. São muitos os fatores que levariam um indivíduo a ter determinadas crenças em relação a uma ou outra língua, e essas crenças, conforme já mencionado, são moldadas e influenciadas a partir das experiências de cada pessoa nos diversos domínios como na família, na igreja, na escola, nas interações com os amigos, no que se vê e ouve diariamente nas mídias entre outros.

40

Por fim, a última questão do formulário pretendeu verificar os potenciais desafios que afetam a vida acadêmica dos estudantes e que interferem em seu processo formativo. A questão apresentou algumas opções de resposta, mas também permitia aos participantes acrescentarem outras alternativas conforme suas vivências, como se verifica:

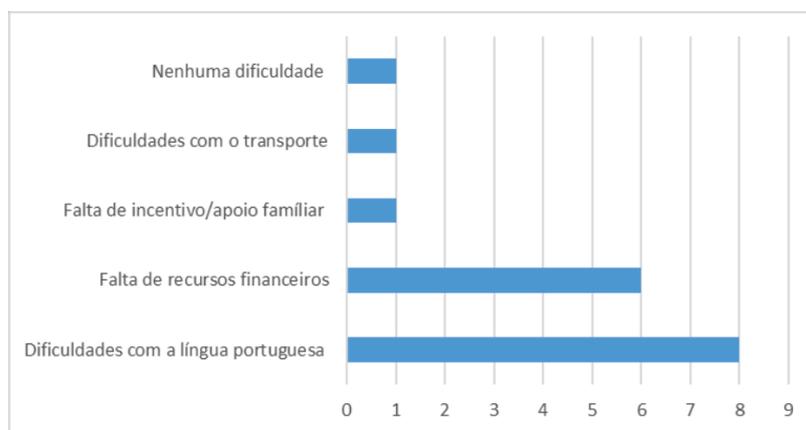
Questão 12: Dentre os fatores abaixo, assinale o(s) que mais impacta(m) sua vida acadêmica (pode assinalar mais de uma resposta).

a) Questões financeiras (para locomoção, alimentação, vestuário, material

- para estudo).
- b) Falta de incentivo/apoio familiar.
 - c) Dificuldade em relação à língua portuguesa (para compreender os textos, responder às questões das provas, apresentar seminários...)
 - d) Não sinto que tenho dificuldades quanto à minha vida acadêmica.
 - e) Outros fatores. Quais?

Os resultados estão representados no gráfico a seguir.

Gráfico 02 – Dificuldades apontadas pelos estudantes



Fonte: Elaboração própria

Conforme se constata pelo gráfico, o principal problema enfrentado pelos estudantes é a dificuldade com a língua portuguesa, além da dificuldade financeira que aparece em segundo lugar. A pesquisa não pretendeu coletar dados exatos sobre isso, mas acredita-se que a combinação desses dois fatores pode estar entre as causas da evasão desses grupos de estudantes. Nesse sentido, convém registrar que os programas que visam a destinação de bolsa permanência para esse público – assim como para outros que também têm alguma vulnerabilidade – são de extrema importância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar uma investigação com os discentes indígenas matriculados no curso de Letras da Universidade Federal da Grande Dourados, foi possível averiguar e realizar

uma análise das crenças e atitudes que esses estudantes declaram em relação à língua materna e à língua portuguesa. Em geral, pode-se afirmar que as impressões sobre as línguas utilizadas são positivas, embora tenha sido possível identificar que algumas crenças que remetem à desvalorização das línguas indígenas ainda prevalecem.

Convém destacar que os estudantes indígenas compreendem suficientemente a importância da língua portuguesa como língua oficial do Brasil e afirmam que dentre os motivos da escolha de curso Letras está a necessidade de melhorar a proficiência, especialmente escrita dessa língua. Além disso, destacam também o desejo de ter uma formação que lhe possibilite uma profissão e um trabalho.

Vários estudantes relatam que a falta de domínio adequado da língua portuguesa, especialmente na modalidade escrita formal, está entre as principais de suas dificuldades para continuar o curso, o que aponta para a necessidade atenção da instituição superior em relação a esse fato.

Destaca-se que muitos desses indivíduos desejam assumir o papel de professores de língua portuguesa e também da língua materna indígena em suas comunidades, desempenhando um papel fundamental na preservação e na manutenção da língua materna em suas respectivas comunidades. Dessa forma, sempre reforçar crenças positivas sobre as línguas indígenas no ambiente acadêmico também deve ser uma função do curso de Letras para que os futuros professores estejam seguros no desempenho de sua profissão.

A pesquisa também investigou como os estudantes indígenas se percebem enquanto falantes bilíngues de uma língua à qual, em geral, não é atribuído prestígio social. Além disso, a pesquisa verificou também como são as dinâmicas das relações estabelecidas com outros discentes e docentes na universidade, constatando que ainda ocorrem atitudes de diferenciação e até de preconceito linguístico e social. Por isso a comunidade acadêmica ainda precisa aprimorar certas discussões relacionadas às línguas consideradas minoritárias. A presença dessas questões remete à necessidade de implementar medidas para promover uma convivência acadêmica mais inclusiva e livre de preconceitos, a fim de fortalecer o respeito e a valorização das identidades culturais e linguísticas de todos os envolvidos no ambiente educacional.

O presente estudo teve a pretensão de contribuir para a reflexão sobre a presença de estudantes indígenas que, em geral, não tem o português como primeira

língua, mas que se tornarão professores de língua portuguesa. O foco, conforme demonstrado, foi nas questões linguísticas, mas outros aspectos relativos à dificuldade de permanência desses estudantes no ensino superior também foram apontados. Para finalizar, convém mais uma vez reforçar a ideia de que a diversidade linguística é uma riqueza cultural que merece ser valorizada e respeitada, para que seja construído um ambiente acadêmico mais igualitário e acolhedor para todos os indivíduos, independentemente de suas origens culturais e linguísticas.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: O que é, como se faz*. 49.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. Londres: Fakenham and Reading, 1933.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Manual de Sociolinguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

FENNER, Any Fenner. *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo comparativo de línguas em contato em duas comunidades do oeste paranaense* (2013), 267 f. (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2013.

FERGUSON, Charles. *Diglossia*. In: FONSECA, M.S.V.; NEVES, M. F. (orgs.) *Sociolinguística*. (Trad.de E. N. Araújo Jorge). Rio de Janeiro: Eldorado, 1974 [1966], p. 225-240.

GONZÁLEZ MARTÍNEZ, Juan. Metodología para el estudio de las actitudes lingüísticas. *Actas del XXXVII Simposio Internacional de la Sociedad Española de Lingüística (SEL)*, Departamento de Lingüística hispánica y Lenguas modernas. Pamplona, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Navarra, 2008. p. 229-238.

LAGARES, Xoán Carlos. *Qual política linguística? Desafios glotopolíticos contemporâneos*. São Paulo: Parábola, 2018.

LAMBERT, William; LAMBERT, Wallace. *Psicologia social*. Trad. Dante Moreira Leite. São Paulo: Zahar Editores, 1981.

LYONS, John. *Linguagem e linguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

MAHER, Terezinha Machado. *Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural*. Transculturalidade, linguagem e educação. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.

TRASK, R. L. *Dicionário de Linguagem e Linguística*. São Paulo: Contexto, 2004.

Hanju Cedeño Lima
Rosana Budny

***LET SLEEPING DOGS LIE* – CANDIDATOS A EQUIVALÊNCIAS EM INGLÊS PARA ALGUMAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS ZONÍMICAS DO PORTUGUÊS**

Let sleeping dogs lie – candidates for English equivalences for some zoonymic Portuguese idioms

HANJU CEDEÑO LIMA

E-mail: hanjucl@gmail.com

ROSANA BUDNY

E-mail: rosanabudny@ufgd.edu.br

45

Resumo: Este artigo objetiva demonstrar o contexto de possíveis candidatos a equivalentes do inglês como *let sleeping dogs lie*, *go fly a kite*, *Strike me ugly if*, etc, para algumas expressões idiomáticas (EIs) do português como *Não mexa em casa de marimbondos*, *Vai pentear macaco*, *Quero ser um mico (de circo) se*. A metodologia teve uma abordagem empírico-linguística, pois investigou a linguagem a partir da exploração sistemática do *Corpus of Contemporary American English – COCA*, um corpus de referência do inglês americano. A pesquisa teve como base os pressupostos teóricos da Lexicografia, da Fraseologia, e da Linguística de *corpus* com autores como Viana & Tagnin (2015) e Zuluaga (1980), entre outros. Justifica-se a pesquisa por poder auxiliar na elaboração de dicionário fraseológico português-inglês na produção lexicográfica brasileira. O resultado dessa investigação contribui para o levantamento do banco de dados de um projeto em andamento.

Palavras-chave: Fraseologia. Expressões idiomáticas. Candidatos a equivalentes.

Abstract: This article aims to demonstrate the context of possible candidates for English equivalents such as, *let sleeping dogs lie*, *go fly a kite*, *Strike me ugly if*, etc., for some Portuguese idioms (IEs) such as, *Não mexa em casa de marimbondos*, *Vai pentear macaco*, *Quero ser um mico (de circo) se*, to mention

some. The methodology had an empirical-linguistic approach, as it investigated the language from the systematic exploration of *Corpus of Contemporary American English* – COCA, a reference *corpus* of American English. The research was based on the theoretical assumptions of Lexicography, Phraseology, and *Corpus Linguistics* with authors such as, Viana & Tagnin (2015), Zuluaga (1980), among others. The research is justified for contributing to the elaboration of a Portuguese-English phraseological dictionary produced by Brazilian lexicography. The result of this investigation contributes to the compiling of a database of an ongoing project.

Keywords: Phraseology. Idioms. Equivalent candidates.

INTRODUÇÃO

A linguagem é uma representação da cultura. Ela nos permite expressar anseios de uma sociedade, refletir sobre as idiossincrasias das nossas expressões populares e compará-las com as de outros povos. A interculturalidade dos falantes promove essa troca, incrementa percepções que, à primeira vista, podem parecer “estranhas”, mas o contexto linguístico auxilia na compreensão da ideia principal. Um bom desempenho linguístico carece dessa relação dependente que ajuda a entender o papel e a interferência da cultura na língua. Ao empregarmos uma língua, devemos focar não só as regras presentes na nomenclatura gramatical, como também os aspectos da competência comunicativa do falante em situações reais com contextos de comunicação (Carvalho, 2010).

Uma manifestação linguística muito presente em nosso cotidiano é a relativa às expressões idiomáticas zoonímicas, que atuam na compreensão e na exteriorização das opiniões particulares dos falantes de forma dinâmica e criativa. Interpretadas em seu sentido figurado e não no literal são compostas por um zoônimo em sua estrutura. Nazarenko e Iñesta (1998) denominam essas estruturas de zoomorfismos, cuja caracterização se dá por meio do uso metafórico e alegórico de nome de animais. Os zoomorfismos permeiam as línguas e a interferência cultural dissemina sua existência. Logo, essas unidades linguísticas são reconhecidas mundialmente e podem ser entendidas pelas diferentes classes sociais; são encontradas em manifestações da oralidade, em publicações, como revistas, jornais, textos cinematográficos, livros, redes sociais.

O filme “Cidade de Deus”, disponível em várias plataformas de *streaming*, produzido em 2002 e dirigido por Fernando Meirelles e Kátia Lund, narra a evolução do crime organizado e a formação do conjunto habitacional, conhecido como Cidade de Deus, no Rio de Janeiro. No começo da trama, encontramos a personagem Berenice, a qual usa determinada expressão popular, idiomática, durante conversa com seu futuro amante, o Cabeleira, que, no decorrer da cena, mostra sinais de aflição e nervosismo. Ela questiona: “O que é que foi, Cabeleira? *O gato comeu a sua língua, é?*”. Essa expressão, comumente usada na linguagem oral, se faz para perguntar sobre o porquê de uma pessoa ficar calada e não responder a alguma indagação. A passagem ilustra o uso de uma das expressões idiomáticas, entre tantas que permeiam nossa comunicação, e justifica esta pesquisa.

Assim, o artigo visa apresentar estudo sobre o contexto de possíveis candidatos a equivalentes do inglês para algumas expressões idiomáticas (EIs) do português, desenvolvido por meio do Programa Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC). Podemos citar a expressão idiomática do inglês “*go fly a kite*” como correspondente tradutório possível para a EI do português “vai pentear macaco”. Esse é um exemplo entre as centenas de expressões idiomáticas zoonímicas que permeiam nosso linguajar diário. Como ferramenta de busca de contextos que possam legitimar possíveis equivalentes, recorreremos ao uso do COCA (*Corpus of Contemporary American English*) que disponibiliza em seu *software* diálogos de situações reais.

47

O resultado obtido por meio da pesquisa poderá contribuir para o banco de dados relativo a projeto *Glossário Português-ínglês de Fraseologia Zoonímica – Criação de um banco de dados*, em andamento. Trata-se de material lexicográfico que objetiva auxiliar aprendizes anglófonos de português como língua estrangeira e que precisam verter para o português expressões idiomáticas do inglês, entre outros usuários.

Na sequência, apresentamos pressupostos teóricos das áreas fundadoras e subsequente metodologia com alguns exemplos dos estudos das EIs e considerações finais sobre elas.

Relações de cultura entre equivalentes tradutórios e contexto

Antes de nos aprofundarmos nas relações de cultura, expressas por meio das EIs, precisamos entender a terminologia usada por Xatara (1998, p. 149) para defini-

-las. A autora afirma que “expressão idiomática é uma lexia complexa, indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural”. Para que as lexias complexas sejam consideradas idiomáticas, elas precisam ter uma combinatória fechada, de distribuição muito restrita, que as tornam indecomponíveis em seu significado. Carregam um sentido conotativo, pois quase sempre são metafóricas. De acordo com Greimas (1960, *apud* Pottier, 1987), o ato de conotar consiste em ressignificar cada segmento da cadeia sintagmática, de forma conotativa, ou num grau primário de abstração, buscando manter o significante e promover a transferência de significado de uma semântica a outra. Por último, Xatara informa em sua definição que a EI deve ser cristalizada. Sobre o processo de cristalização das EIs, Riva e Rios (2002, p. 4), afirmam o seguinte:

O elenco de EIs de um grupo linguístico encontra-se em sua memória coletiva, em nível individual e social, como modo de dizer tradicional. E, para que uma lexia possa, então, ser considerada EI, é necessário que seu uso seja, ou tenha sido, frequente, por um número considerável de pessoas, processo este denominado ‘cristalização’.

Desse modo, no processo de cristalização, as EIs se disseminam em combinatórias inusitadas que expressam o pensamento internalizado do indivíduo, visto que o léxico de uma língua nem sempre dispõe, em seu acervo, de unidades lexicais apropriadas para serem utilizadas em determinada situação de comunicação, de acordo com a escolha do falante (Falcão e Xatara, 2005), condição que permitiria o semear de novas combinatórias.

A partir dessa perspectiva, as diferenças culturais irão refletir nos elementos linguísticos formadores da EI escolhida, o que provocará alterações entre uma e outra comunidade linguística. Assim, uma EI dita nos Estados Unidos não será constituída das mesmas palavras ou estruturação da expressão usada no Brasil. Pode-se exemplificar dizendo que a EI em inglês *When pigs fly* pode ter como equivalente tradutório na língua portuguesa a EI *No dia de São Nunca* ou, de forma menos frequente, mas ainda possível: *Quando a galinha criar dentes*. Trata-se de uma tradução funcional, idiomática, pois consegue manter o sentido proposto pela expressão apresentada na língua inglesa, usando o recurso da ironia, pois a galinha ter dentes fala de algo impossível de acontecer.

Levando em consideração a observação de Rodrigues (2000), de que as referências de termos de línguas diferentes não podem ser objetivamente comparadas, por conterem um significado sem uma entidade objetiva, já que tal significado está vinculado ao comportamento dos usuários e à sociedade, constatamos que podemos tão somente analisar as semelhanças e as diferenças entre os idiomas. As semelhanças são frutos dos fenômenos iguais que motivam a produção linguística nas culturas, respeitando sempre as variedades existentes (Rivas e Rios, 2002).

Portanto, com relação à cultura, de acordo com Ortíz Alvarez (2002, p. 158):

[...] cada sociedade tem características próprias que a diferencia das demais, o conteúdo do que é cultura, sua dinâmica e sua importância, enfim, tudo isso deve variar bastante de uma comunidade para outra, inclusive dentro de uma mesma comunidade também acontece, portanto, seria mais do que interessante e de grande motivação, com certeza imprescindível, o estudo e análise dos valores culturais da língua-alvo.

Budny (2018) defende que características culturais são “alimentadores” da cadeia fraseológica, uma vez que o discurso vem da relação entre imagens dos objetos do cotidiano e a expressividade individual e coletiva, que, com o tempo, se cristaliza. Budny (2022, p. 346) salienta a capacidade de as unidades fraseológicas zoonímicas poderem “imprimir a um discurso, chamando e prendendo a atenção do interlocutor, motivando-o e instigando-o a manter-se no diálogo”.

49

A forma como interpretamos os textos é influenciada pelos valores culturais, logo, a língua cumpre o papel de representação cultural de um povo visando a expressar sua realidade. Concordamos com Zuluaga (1980), ao frisar que as EIs se mantêm estáveis em significação pelo auxílio da propagação durante gerações e devido à sua codificabilidade; portanto, gerações expressam suas realidades no espaço de seu tempo.

O AUXÍLIO DA LINGUÍSTICA DE CORPUS PARA A PESQUISA DAS EIS

A ferramenta de busca da Linguística de *corpus* é definida por Berber Sardinha (2004, p. 3) como a exploração da linguagem por meio da coleta e uso de *corpora* – conjunto de dados linguísticos textuais criteriosamente coletados para fins de determinada pesquisa sobre temas de uma língua. Com ferramentas computacionais são dis-

ponibilizadas eletronicamente uma linguagem natural e autêntica, ou seja, um *corpus* com evidências extraídas de situações reais. Hunston (2002, p. 2) afirma que o *corpus* é uma “coletânea de exemplos naturais de linguagem, que consistem desde algumas frases ou até conjuntos de textos escritos ou gravações orais que foram coletados para serem usados como base para pesquisa linguística”, e dele podemos extrair regularidades (ou irregularidades) das línguas.

Baker (1995, p. 225) caracteriza as especificidades de um *corpus*, apresentando alguns pontos norteadores, quais sejam:

- (i) *corpus*, hoje, é essencialmente uma coletânea de textos em formato eletrônico capaz de ser analisada automática ou semi-automaticamente de diversas formas;
- (ii) um *corpus* não é mais apenas um conjunto de “escritos”, inclui tanto textos orais quanto escritos, e
- (iii) um *corpus* pode incluir muitos textos de diversas fontes, por diversos autores e falantes e sobre uma ampla variedade de tópicos.¹

Como podemos observar, uma coletânea de textos, como se configura em um *corpus*, muito pode auxiliar a pesquisa das EIs. Há vários tipos de *corpora*; por isso, para que se tenha um resultado efetivo em relação ao uso dessa metodologia, devemos atentar para qual se adequa mais aos objetivos de determinada pesquisa. Os *corpora* sofrem variação no que diz respeito ao tamanho, à forma com que os dados são compilados e ao propósito de uso. A programação do *software* e a capacidade do computador também influenciam diretamente no funcionamento do programa. Sinclair (1995) cita alguns dos tipos de *corpora* que podem ser encontrados para a análise linguística e contextual. São eles:

- a) *Corpus Geral/ Corpus de Referência*: pode ser usado para se fazer comparação com um *corpus* de estudo. Por abranger muitos tipos de textos, de diferentes países, compilados de fontes diversas, tanto faladas quanto escritas, seu tamanho chega a ser de 3 a 5 vezes maior que um *corpus* de estudo. *British Na-*

1 Tradução de: (i) *corpus* now means primarily a collection of texts held in machine-readable form and capable of being analyzed automatically or semi-automatically in a variety of ways, (ii) a *corpus* is no longer restricted to ‘writings’ but includes spoken as well as written texts and (iii) a *corpus* may include a large number of texts from a variety of sources, by many writers and speakers and on a multitude of topics.

tional Corpus (BNC) é um dos *corpora* de referência mais conhecido da língua inglesa.

- b) *Corpus* Comparável (bi- ou multilíngue): contém dois ou mais sub*corpora* com textos originais nas línguas respectivas. O monolíngue é composto por textos originais de várias línguas. Seu propósito é identificar equivalências e diferenças entre as línguas. Sua compilação segue os mesmos parâmetros de organização, logo, a quantidade de gêneros presentes é igual. *International Corpus of English (ICE)* é um dos *corpora*, desse tipo, mais visto.
- c) *Corpus* Monitor: aumenta de tamanho, de forma rápida, por estar sendo periodicamente atualizado, representando a evolução de uma língua. *Bank of English* pode ser apontado como o mais utilizado até a data referida por Sinclair (1995).
- d) *Corpus* Paralelo: dois ou mais *corpora* em línguas diferentes, constituídos de textos originais e suas respectivas traduções.

Posteriormente, Hunston (2002, p. 14) acrescenta mais alguns tipos de *corpora*:

- e) *Corpus* Diacrônico/Histórico: serve para analisar características do desenvolvimento de uma língua com o tempo. Compreende textos de vários períodos. **51**
- f) *Corpus* Especializado: compilado pelo próprio pesquisador, busca focar na linguagem específica que será analisada de acordo com as necessidades de um trabalho de pesquisa em particular. *Corpus* de Aviação (*Aviation Corpus*) é um exemplo desse tipo de *corpus*.
- g) *Corpus* de Aprendiz: auxilia a identificar equivalências e diferenças entre aprendizes de uma língua e falantes nativos, por meio de uma coletânea de textos-redações escritas pelos respectivos aprendizes. *International Corpus of Learner English (ICLE)* é o mais utilizado, por incluir línguas variadas.

Como é possível notar, são inúmeros os tipos de *corpora* que podem servir ao propósito de cada pesquisador.

De acordo com Baker (1995, p. 229), ao elaborar um *corpus*, alguns aspectos devem ser considerados, tais como “estabelecer se o *corpus* será composto de textos da língua geral ou textos de uma determinada área; se a linguagem é escrita ou falada; se há variedade de fontes e de gêneros textuais; se os limites geográficos do *corpus* serão

monolíngues ou multilíngues.” Tendo isso como base, podemos criar tanto um *corpus* de maior tamanho, com recursos e ferramentas próprias de uso, quanto um de menor, que precisa de programas específicos para a descrição linguística.

Nesse sentido, os princípios propostos por Berber Sardinha (2004, p.19) para criar um *corpus* evidenciam um caráter autêntico, objetivo e representativo. Os textos devem ser autênticos, não editados, para não se comprometerem os resultados da pesquisa. Devem partir de situações reais de falantes nativos, exceto os *corpora* de aprendizes. O *corpus* tem que ser fiel ao objetivo de quem o criou, e representar a variedade da língua a ser estudada. Antigamente, essas compilações eram feitas por vias manuais. Com o avanço da tecnologia, alternativas manuais tornaram-se inviáveis. Em razão da rapidez no processo de desenvolvimento de pesquisas e na possibilidade de haver menos equívocos cometidos por humanos, optamos por arquivos criados e mantidos de forma computadorizada e que sejam utilizadas técnicas automáticas e interativas.

Biber, Conrad e Reppen (1998) enfatizam o caráter empírico da Linguística de *corpus* e a dependência de técnicas analíticas quantitativas e qualitativas em seu uso. Sua aplicação, segundo Sarmiento (2010), beneficia os Estudos do léxico e a Lexicografia, Estudos gramaticais, Variação e Análise de gênero, Estudos da tradução, Ensino e Aprendizagem de Línguas, todos imprescindíveis para os estudos das EIs.

METODOLOGIA

A metodologia apresentada ocupa-se das chamadas expressões idiomáticas com o elemento zoonímico da língua inglesa e seus contextos, analisando quais são os candidatos possíveis a equivalências para expressões idiomáticas zoonímicas do português. Para esse efeito, recorreremos ao uso do COCA (*Corpus of Contemporary American English*), visto que esse corpus de referência possui em seu acervo dados como contextos das palavras, frequências e descrição de usos, ou seja, assuntos pertinentes à área que abordamos no presente artigo.

Como desenvolvimento da pesquisa, nos encontros intercalados do grupo de estudo do PIVIC 2022-2023, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), artigos basilares foram apresentados de forma didática, com vistas a possibilitar a interação em torno de conceitos fundadores da área de pesquisa. Isso propiciou embasamento para o plano de trabalho e para a análise do consequente material.

Seguiram-se as seguintes etapas: leitura de bibliografia das áreas da Lexicografia, da Fraseologia e da Linguística de *corpus*; estudos dos conceitos que fundamentam as expressões idiomáticas; produção de resenhas das etapas anteriores; reconhecimento das expressões idiomáticas do inglês que possuem um zoônimo em sua composição; pesquisa acerca de contextos relativos a expressões idiomáticas zoonímicas, escolhidos para análise; compilação dos contextos para compor a base de dados do projeto da orientadora, base que integra o *corpus* da pesquisa.

Como apontado anteriormente, optamos pelo *corpus* de referência COCA (*Corpus of Contemporary American English*), por ele disponibilizar mais recursos que se adequam aos objetivos propostos. Esse corpus possui mais de um bilhão de palavras em textos de oito gêneros: ficção, jornais, revistas populares, blogs, textos acadêmicos, legendas de TV e filmes, e outras páginas da web. Em seu layout estão dispostas as ferramentas chamadas *search* (busca), *frequency* (frequência) e *context* (contexto). A primeira é a ferramenta de pesquisa, uma EI deve ser digitada no espaço separado para a busca, e, logo em seguida, deve-se clicar no botão *find matching strings* (encontrar *strings* correspondentes); os resultados aparecerão em forma de lista dentro da ferramenta que aponta o número de ocorrências da EI pretendida. Depois, seleciona-se a forma de se ver o contexto; automaticamente, entra-se no *context* (contexto), que disponibiliza os contextos das ocorrências em lista também. Caso queira-se aprofundar a pesquisa, o *corpus* fornece um *expanded context* (contexto expandido) e *source information* (informações da origem) sobre a fonte dos dados. É possível utilizar, ainda, o recurso do *analyze text* (analisar texto); do *keywords* (palavras-chave); do *detailed word sketches* (esboços detalhados de palavras); do *find related words* (encontrar palavras relacionadas). Considerando que os dados necessários para a pesquisa já haviam sido encontrados nas etapas anteriores, ponderou-se não ser necessário manusear a referida ferramenta.

RESULTADO DE PESQUISA

Na apresentação dos resultados da pesquisa, segue-se amostra de alguns contextos naturais encontrados no *corpus* – COCA (*Corpus of Contemporary American English*), com apontamento da fonte textual indicada entre parênteses.

(1) *Let sleeping dogs lie*

Zoônimo: *dogs*

Significado: Não mexa com quem está quieto.

Correspondente tradutório possível para a EI em português “Não mexa em casa de marimbondos”.

Contexto 1: *It would be easiest, and maybe best, to let sleeping dogs lie, but there’s a part of me that thinks our kids should hear it from us, and really from my wife, as I can tell them little beyond the bare facts* (Dear Prudence, 2019).

Contexto 2: *She questions Scot’s vote for her when it would probably be best just to let sleeping dogs lie, and tries to scheme with Cydney to oust Scot, oblivious to the fact that the bodybuilder is aligned with the men* (Doviak, 2016).

Contexto 3: *None of these topics are ever discussed in the mainstream press. They are much too busy chasing Adelson to look into topics that might embarrass their favorite candidate. Better let sleeping dogs lie* (Goodman, 2012).

Contexto 4: *Finally, just days before the ceremony, Axl Rose wrote a public letter explaining his decision to sit this one out. “ So let sleeping dogs lie or lying dogs sleep or whatever, “ he wrote* (Flashback, 2016).

54

(2) *Go fly a kite*

Zoônimo: nesta EI o zoônimo não está presente, mesmo assim, pelo contexto pode-se fazer uma equivalência tradutória para a EI do português.

Significado: afastar alguém que está sendo chato ou inconveniente.

Correspondente tradutório possível para a EI em português “Vai pentear macaco”.

Contexto 1: *Go fly a kite Greg. Since when are executive positions comparable to a baker?* (The Right Scoop, 2012).

Contexto 2: *What are you starin’ at? Hey, why don’t you make like a tree, and go fly a kite!* (Back, to the Future, 1991).

Contexto 3: *Pakistan, for example - has told us to go fly a kite. I mean, they know that we’re looking the other way at Israel, and we have a double standard for Israel*

(Nightline, 1991).

Contexto 4: *What a cinch! Go fly a kite! Cat got your tongue?* (Saving, private Ryan, 1998).

(3) *Strike me ugly if* – para essa EI não foi possível encontrar contextos, exemplos que pudessem ratificar sua equivalência para a EI em português “quero ser um mico (de circo) se”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início deste estudo, objetivou-se pesquisar as EIs com elemento zoonímico, buscando, no material tecnológico, sua presença e subseqüentes significados e correspondências. Importa lembrar que, na contemporaneidade, é comum recorrer-se a ferramentas computacionais para auxiliar atividades “mecânicas”, tanto no dia-a-dia, quanto em situações mais específicas, como a do caso em estudo, que pesquisa contextos de EIs em um *corpus*, aqui entendido como “coleções de textos orais e escritos que representam uma língua ou um recorte dela” (Viana, 2011, p. 29).

A contribuição desses bancos de textos é significativa para consultas e análises que podem favorecer o projeto de elaboração do dicionário fraseológico chamado *Glossário Português-inglês de Fraseologia Zoonímica – Criação de um banco de dados*, com vistas a *detectar* coocorrências e recorrência de unidades fraseológicas.

A interface do COCA beneficia não só aprendizes anglófonos de português como língua estrangeira em instituições escolares, como também sua utilização se estende aos docentes como ferramenta de suporte. Pesquisadores usufruem ainda da dinamicidade propiciada aos seus estudos, visto que os dados compilados são selecionados por estatísticas. Os produtos resultantes de pesquisa computadorizada ampliam o banco de textos e possibilitam inúmeras combinações lexicais que, até então, eram desconhecidas.

A quantia de materiais de referência para suporte à Lexicografia e à Fraseologia é pequena e necessita de elementos que deem conta do aspecto cultural das EIs. Tal consideração leva em conta o contexto de cultura – fundamental para a interpre-

tação dessas expressões, para a fixação da identidade cultural da comunidade – que, juntamente com os aspectos extralinguísticos, reforça a transmissão das combinações fraseológicas e contribui para o senso pragmático, retórico e textual da língua.

REFERÊNCIAS DAS AMOSTRAS COLETADAS

BY BACK to the Future. Direção de Robert Zemeckis. South Pasadena: Amblin Entertainment, 1985. (116 min.), P&B. Legendado.

DEAR PRUDENCE. Seattle: Slate, 17 jan. 2019. Disponível em: <https://slate.com/human-interest/2019/01/dear-prudence-wife-secret-past-evidence.html>. Acesso em: 24 maio 2023.

DEMOCRATIC DELEGATES BOO “JERUSALEM”. Israel: Commentary, 05 set. 2012. Disponível em: <https://www.commentary.org/alana-goodman/democratic-delegates-boo-jerusalem/>. Acesso em: 24 maio 2023.

FLASHBACK. Cleveland: Rolling Stone, 22 mar. 2016. Disponível em: <https://www.rollingstone.com/music/music-news/flashback-guns-n-roses-play-without-axl-at-hall-of-fame-127914/>. Acesso em: 24 maio 2023.

NIGHTLINE. S.I: Abc, 1991. (31 min.), P&B.

SAVING Private Ryan. Direção de Steven Spielberg. Ballyvalloo: Amblin Entertainment, 1999. (170 min.), P&B. Legendado.

SURVIVOR KICKS. Chicago: Avclub, 02 mar. 2016. Disponível em: <https://www.avclub.com/survivor-kicks-into-high-gear-as-an-overconfident-power-1798186890>. Acesso em: 24 maio 2023.

UNION MEMBERS. Chicago: The Right Scoop, 16 nov. 2012. Disponível em: <https://therightscoop.com/union-members-push-hostess-brands-inc-into-going-out-of-business-cost-18500-workers-jobs/>. Acesso em: 24 maio 2023.

REFERÊNCIAS

BAKER, Mona. *Corpora in translation studies: an overview and some suggestions for future research*. In: Target, 1995. v. 7, n. 3, p. 223-243.

BERBER SARDINHA, Antônio Paulo. *Linguística de Corpus*. São Paulo: Editora Manole, 2004.

BIBER, Douglas; CONRAD, Susan; REPPEN, Randi. *Corpus Linguistics: Investigating Language Structure and Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

BUDNY, Rosana. *As unidades fraseológicas com zoônimos em livros didáticos e algumas possibilidades de ensino*. Revista Entrepalavras, mar. 2022. v. 11, n. 11 esp (11).

BUDNY, Rosana. Traduções de unidades fraseológicas com zoônimos e algumas funções comunicativas. In: Claudia Cristina Ferreira. (Org.). *VadeMecum do ensino das línguas estrangeiras/adicionais*. 1.ed., Campinas -SP: Pontes Editores, 2018. p. 01-879.

CARVALHO, Gislene Lima. *Com quantos paus se faz uma canoa? Identidade cultural no ensino de PLE: as unidades fraseológicas*. Pesquisas em Discurso Pedagógico (on-line), 2010. v. 2, p. 3.

CIDADE de Deus. Direção de Fernando Meirelles. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2002. 1 DVD (130 min.).

FALCÃO, Paula Christina de Souza; XATARA, Claudia Maria. *Os animais nos idiomatismos: interface inglês-português*. Cadernos de Tradução, Florianópolis: [s.n.], 2005. v. 2, p. 71-82.

HUNSTON, Susan. *Corpora in Applied Linguistics*. London: Cambridge University Press, 2002.

NAZARENKO, Lilia.; IÑESTA MENA, Eva María. Zoomorfismos fraseológicos. In: LUQUE DURÁN, Juan de Dios; PAMIES BERTRÁN, Antonio (Eds.). *Léxico y fraseología*. Granada: Método, 1998.

ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa. Os fraseologismos como expressão cultural: aspectos de seu ensino em PLE. In: CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti; SANTOS, Percília (Org.). *Tópicos em português língua estrangeira*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

POTTIER, Bernard. *Théorie et analyse linguistique*. Paris: Hachette, 1987.

RIVA, Huéinton Cassiano; RIOS, Tatiana Helena Carvalho. *Correspondência idiomática intra e interlínguas*. Revista Brasileira de Linguística Aplicada. Faculdade de Letras - Universidade Federal de Minas Gerais, 2002. v. 2, n. 2, p. 0-0.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. *Tradução e diferença*. São Paulo: Edunesp, 2000. p. 237.

SARMENTO, Simone. *Linguística de corpus: histórico, metodologia, campos de aplicação*. Revista Trama, ago.-dez. 2010. v. 6, n. 12, p. 87 – 107.

SARDINHA, Tony Berber. *Linguística de corpus: histórico e problemática (Corpus Linguistics: History and Problematization)*. Revista D.E.L.T.A., 2000. v. 16, n. 2, p. 323-367.

SINCLAIR, John. *Paper Presented at XI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, 1995.

VIANA, Vander; TAGNIN, Stella Esther Ortweiller (orgs.). *Corpora no ensino de línguas estrangeiras*. São Paulo: Hub Editorial, 2011. p. 375.

VIANA, Vander; TAGNIN, Stella Esther Ortweiller (Org.). *Corpora na tradução*. São Paulo: HUB Editorial, 2015.

XATARA, Claudia Maria. *O campo minado das expressões idiomáticas*. In: Alfa, São Paulo: v. 42 (n.esp.), 1998. p. 147-159.

ZULUAGA, Alberto. *Introducción al estudio de las expresiones fijas*. Frankfurt a. M.: Peter D. Lang, 1980.

FUTILIDADES SENTIMENTAIS

NYCOLAS CORTEZ COLMAN¹

Universidade Federal da Grande Dourados

E-mail: nycolascolman@gmail.com

Derretido o coração partido que contemplou um amor incorrespondido
A alma do mancebo que anseia pela mulher de gênio endurecido
Marejados os olhos daquele que se precipitou no abismo da obsessão passional
Nele floresceu o fecundo desejo que aos olhos alheios virou motejo

Como a Lua Cheia que desponta na negritude celeste
Como a areia dançante que voa rasante pelo deserto escaldante
Como o cacto espinhento que tento plantar ao relento
Como o Sol da justiça que vivifica a face mortiça

Assim é o jardim de emoções que me prende em ilusões
Assim é a espada afiada que me dá uma pontada
Assim é a ficada descompromissada para a varoa honrada
Assim é o machado fadado a defender o injustiçado
Convertido o corpo abatido em fortaleza e dureza
O espírito daquele que está sedento pela feminina beleza
Calejado o ânimo do homem grudento que quer a menina que o trata com aspe-
reza

1 Primeiro lugar, categoria “Poema”, do 1º Concurso Literário da Revista Arredia, 2023.

Nele prosperou o facundo caráter para ganhar a atenção dela para seu sentimento profundo

Como os astros que convergiam no Caos do princípio imemorial
Como a sereia estonteante que dança através do mar inconstante
Como a floresta nefasta que me afasta da Natureza incasta
Como a estrela radiante antes de sua queda humilhante

Assim é o festim de decepções que me levaram a frustrações
Assim é a miragem advinda da viagem em uma mente carente
Assim é a chama que entorta a cama de um jovem desapaixonado
Assim é a lâmina penetrante que fere o pretendente tratante

CRONOLOGIA DO DESPERTAR

SUELI MOREIRA SILVEIRA¹

Universidade Federal da Grande Dourados

E-mail: sueli.silveira000@academico.ufgd.edu.br

Passei um tempo vagando por oceanos distantes,
Acreditando que era parte deles, envolto em instantes.
Mas quanto mais fundo mergulhava, sentia a falta,
Do tudo que não entendia, o vazio em cada volta.

Voando, pensei ter cruzado todo o mundo conhecido,
Mas minhas asas não alcançavam tanto, agora percebido.
Cuidei dos outros sem notar meu próprio cuidado,
No reflexo deles, vi muito de mim, inesperado.

Sentei-me, observando o mundo mover-se à frente,
Decidi segui-lo, perdi-me nas curvas, de repente.
Contemplei estrelas, formando constelações,
Na imensidão, me perdi em mil sensações.
Idealizei pessoas que não pediam idealização,
Apenas admiração, nessa vastidão da criação.
Perdi tempo sem ser profundamente quem sou,
No compasso do mundo, não fui eu, nem estou.

¹ Segundo lugar, categoria “Poema”, do 1º Concurso Literário da Revista Arredia, 2023.

Em um limiar entre o que fui e o que serei,
Perdido no tempo, na busca do que não sei.
Neste vazio, onde a paz e a dor se abraçam,
Encontro-me entre lágrimas e um último alento que se desfaz.
Agora, sou apenas um eco no silêncio da eternidade,
Um sussurro na vastidão de uma desconhecida realidade.

Entre os espaços do tempo, onde me perdi,
Resta apenas a lembrança do que um dia fui aqui.
Deixei-me levar por ventos de um destino incerto,
Onde cada página virada revela um novo deserto.
Nesse labirinto de memórias e esperanças.

Contei os segundos, desejando o melhor tempo,
Mas um dia, o tempo parou, num estranho cenário.
Encontrei-me, mas perdi-me, o relógio parou de bater,
Meu tempo se esgotou, deixando-me a questionar.

MOLHO

VITÓRIA FERNANDES PEREIRA¹

Universidade Federal da Grande Dourados
E-mail: vitoriaferpe7@gmail.com

Me encontro sozinha na cozinha escura e fria.

O silêncio me deixa surda e desesperada para fazer algo que quebre essa quietude que me assusta.

Comecei a bater as unhas na mesa como se isso fosse afastar as entidades que só existem dentro da minha cabeça, me rondando e controlando – como se eu vivesse por elas e não por mim.

Meu corpo tremia sem parar, meu fôlego me deixava cansada só pelo esforço de ter que respirar repetidas vezes. *Tudo isso para sobreviver.* Só se ouvia o barulho do ar entrando e saindo da minha boca. *Eu não quero morrer.*

Ali na mesa estava o que eu precisava para conseguir viver. Mas me mataria no mesmo instante em que eu ousasse pensar em tocar.

Um prato de macarrão. Um garfo. Uma cozinha escura. Um estômago vazio. *O sonho de ser aceita.*

O ronco do estômago veio alto. Mais alto que as unhas batendo na mesa. Mais alto que as vozes gritando na minha cabeça: “*não não não não não não não não.*” Não?!

Eu não quero comer (*eu estou louca para comer*).

Não consigo olhar para o prato. Só de sentir aquele cheiro... A minha língua está imperativa dentro da minha boca que saliva sem parar. *Estou babando.*

Meus olhos começaram a arder só de visualizar a imagem da massa em minha boca, *mastigando.*

1 Primeiro lugar, categoria “Conto”, do 1º Concurso Literário da Revista Arredia. 2023

Meus dedos seguraram aquele garfo como se ele fosse fugir da minha palma – talvez realmente fosse fugir, mas não exatamente o garfo. É só comer. COME.

E eu aproximei a comida da minha boca semi aberta, e salgada por causa das lágrimas que escorregavam lá dentro sem parar – talvez fique com um gosto mais salgado por isso.

E eu dei a primeira garfada. *Mastigava*. Eu comia e soluçava. *Eu me rendi de novo*.

Agora, por quanto tempo preciso ficar de boca fechada até recuperar o tempo perdido? *Três dias? Uma semana? Se eu ingerir poucas calorias...* Eu não conseguia parar de sentir aquele bolo de comida se enroscando em minha garganta. Eu estava enjoada. *Nojo da comida ou de mim mesma?*

Com os olhos fechados, eu lambi meus lábios sujos de molho e senti o êxtase que aquele sabor me proporcionava. Mordi minha boca e aproveitei aquele gosto de tempero.

Eu larguei o talher e repousei minhas duas mãos na mesa, ambas ficando dos dois lados do prato.

Fitei aquilo com o desejo de poder relembrar o sabor que havia sentido há segundos atrás. Queria sentir a massa enroscando em minha língua. Ficar agoniada com o macarrão sujando meus dentes... *Só mais um pouco...*

E dessa vez eu não sujei só minha boca. *Não*.

Minhas mãos; meus dedos; minhas unhas; minha blusa; meu cabelo; meu queixo; meus dentes; minha língua; minha vergonha; *minha sanidade*.

Eu sujei tudo com aquele molho de tomate.

Comi igual a um bicho – *Até pior*. Um cachorro teria mais modos.

Naquele momento eu não era um animal, eu era um sentimento.

Eu era o desespero. O desespero espantado com o medo. Eu era covardia. Eu me sentia uma mistura de pecados. Pecados que não estão escritos em lugar algum a não ser lá dentro da minha cabeça – onde eu sou feita de regras.

Meus dedos lambuzados, melados, sujos... Entrando na minha boca porque eu queria chupar cada milímetro de molho. Eu pegava cada fio de macarrão e engolia sem nem mastigar.

Ao terminar, eu não estava satisfeita.

Eu estava pior do que antes.

Meu estômago não pedia socorro, mas eu pedia.

Eu queria poder tirar de mim tudo aquilo que eu engoli.

E a culpa se manifestou no meu peito; martelando a minha cabeça sem parar – machucando minha aura e sufocando meus pensamentos.

Eu não estou morta, mas com certeza estou em processo de morte.

As minhas vozes vão me afogar em um mar de culpa até eu não conseguir me mover. *Eu só queria poder ser vista. Só quero ser aceita. Aceita por todos.*

Eu quero ser a minha versão.

Eu não me sinto humana.

Eu me sinto uma besta sendo controlada por cordas.

Cordas que eu mesma criei – enroladas até o pescoço.

ADAGIO SOSTENUTO

LEONARDO LOPES SANTOS¹

Universidade Federal da Grande Dourados

E-mail: leonardolopes2201@gmail.com

Para Vitória Campos Belo

“— El secreto, por lo demás, no vale lo que valen los caminos que me condujeron a él. Esos caminos hay que andarlos”.

Sabe-se, entretanto, que mais de cinco séculos intercalaram a manhã em que se deu por pronta a invenção de Hottetere e Philidor e o longínquo páramo oriente onde se punham em marcha os exércitos que intentaram pela primeira vez cruzar os Cárpatos: estes ditos búlgaros, desse dito quarto Khan, daquela Horda Dourada de Batú e de Ordá, a mão esquerda que descia de Cazã.

Morto Temudjin, rei dos mongóis — ao qual seu povo chama Grande Khan—, ascenderam ao trono seus filhos, como constava, escrita com cálamo e nanquim, no capítulo das conquistas, no cânone de número oito mil novecentos e trinta e quatro da infinita *Dadian* de Yongle, hoje perdida. Terrível entre os Khans de sua linhagem fora Ogedai que, desde as margens do Orcom, que desce sinuoso de Khangai, regeu trezentos túmens, cada qual com legiões de bravos hunos, para domínio e flagelo de outros povos. Mas, rezam os escritos, que Ogedai, rei entre o Tuur e o Tamir, não era tão valente qual Zhu chi, o bastardo, filho de cem merquites, gerado sob um ventre conspurcado.

De Zhu chi, que impôs o jugo Iuan sobre a Sibéria, as crônicas gravadas em papel, pelos dois mil sábios de Zhig tai, contam que engendrou dois filhos, aos quais chamo Batú e Ordá, e estes foram valentes sobre a terra. De Batú se originou a Horda Azul — primeiro dos regimes de canato a destronar cem reis, desde o Volga até aos Bálcãs. De Ordá, a Horda Branca, canato de Syr Dárya, um dos quatro rios do paraíso.

1 Segundo lugar, categoria “Conto”, do 1º Concurso Literário da Revista Arredia, 2023.

Chegada a Horda Azul ao Baixo Volga, nas margens do Mar Cáspio, já longe das nascentes de Valdai, distante do deságue do Kama profundo, o exército foi visto pelos Rus. Surgiram, sobre os montes, cavaleiros, vestidos de seda vermelha, com arcos curtos e espadas (àquele tempo a pólvora ainda não havia inflado alma aos arcabuzes). Lembraram-se de mitos milenares de homens parte gente e parte equino, guerreiros impassíveis, monstros que a galope faziam tremer a terra, e os temeram, e puseram-se em fuga. O que de nada adiantou. De entre a neve dura das colinas, os homens de Batú baixaram às planícies e mataram, em dois dias consecutivos de escárnio, os velhos, as mulheres, as moças, as crianças e, por último, os homens, que a tudo assistiram — a toda crueldade — atados pelos pés e pelas mãos.

Conquistado o baixo Volga, dominados tanto o norte quanto o leste do Mar Cáspio, Batú mandou chamar o irmão Ordá. Mandou que um emissário buscasse entre os campos sua tenda e lhe informasse sobre a veracidade das lendas que contara um viajante ao filho de Tolui, agora Grande Khan sobre os mongóis; que dissesse que as cidades existiam, cada uma com seus muros, com seu ouro e suas torres. Que Ordá viesse armado com seus homens e que, além disso, mandasse tecer um estandarte de terror, uma flâmula que infundisse medo à distância entre as hostes inimigas e demonstrasse o poder imensurável de suas mãos. Por último, pediu que mandasse trazer queijo, coalhada e mel; que os cavaleiros dispusessem, entre a montaria e a sela, as postas maciças de carne e as trouxesse a si (quanto a esse costume, Amiano Marcelino o atesta no trigésimo primeiro livro de seu *Res gestae*, recuperado por Poggio Bracciolini de entre os volumes de Monte Cassino, no ano do Senhor de 1429), e, sobretudo, que levassem a ele as folhas de chá, para que não tivessem de baixar ao estado primitivo dos vencidos enquanto preparavam sua marcha, bebendo a água dos riachos e comendo as rudes reses, tão menores que as renas e os iaques, bois sagrados de Tengri.

Ordá recebera o emissário de seu irmão e organizou suas forças com esmero. Mandara buscar, do outro lado da grande muralha, a maior seda que o imperador produzisse e fez com que a bordassem toda em ouro, com desenhos de demônios flamejantes, com olhos cujo fogo não se apaga.

Antes do quarto canato ser o último resquício do antigo poder dos Khans mongóis e a pólvora plantar com arados de chumbo o medo dentro e fora dos limites da grande muralha, Shartag, filho de Batú, fez subir outra vez, às terras dos búlgaros do Volga, os tártaros restantes das forças da Horda Azul e da Horda Branca, derrotados

além do Mar Negro (chamado ainda outrora Euxino). Lá, sob a fronde das montanhas, fundou Cazã, e a ela cercou de um canal, a fim de defendê-la de invasores e para proteger suas riquezas.

Instalado em sua cidade, Shartag instituiu como voivodas seus vassalos pelo leste, e ao sul, entre a barbária dos desertos, deu sátrapas zhochidas para os persas e, de todos eles, cobrava tributos anuais em troca de auxílio militar. E, como narrado pelos seculares anais dos haicos da velha Herevã, quando Alexandre I, senhor de Kiev e seu amigo, pediu socorro a Shartag contra os sérvios teutônicos, a Horda Dourada novamente desceu o Volga e pela primeira vez foi chamada “a mão esquerda de Cazã” — a vingança contra os tártaros viria cento e trinta anos depois, e onze mil deles baixariam ao escuro seio de Umay —, e em agradecimento pelos tártaros debandarem as forças de André, Alexandre, entronizado Grão-príncipe do Oblast de Vladimir, enviou a Cazã muitas riquezas, entre elas uma lira de ouro, fonte de lendas de gigantes e reinos erigidos sobre as nuvens, e muitos instrumentos, acompanhados por mestres de música; livros e obras raras vindas do Chifre Dourado, na margem esquerda do Estreito do Bósforo, guarnecidas por escribas competentes, aptos a copiá-las e instruídos em todas as línguas; prata e jóias, mulheres e cavalos, púrpura e tecidos.

68

Enquanto a cabeça decepada de Chaka, o conspirador, era enviada a Tokhta Khan, Giyás, filho e órfão do príncipe Togrilcha, era mandado por sua mãe ao país dos circassianos, terra de seus antepassados, nos páramos entre o Syr e o Amur Dária, deserto de Kyzyl Kum, onde os ventos gestariam outro Khan — e desde aqueles anos, Alláh o inspirava em sabedoria. Giyás, nome ao qual se acresceria “Uzbeque Al-Din Mohammed”, viajou de Bukhara a Herat, no ermo abandonado. Lá encontrou as ruínas de reinos antigos, morada de reis estrangeiros, como ele. Mandou trazer de Cazã, por intermédio de sua mãe, os livros que Alexandre enviara, códices antigos, de letras a si certamente ilegíveis, caracteres de outros povos. Uzbeque foi o último a ouvir, pela boca de Eirenos, neto dos primeiros enviados de Vladimir, os melos de Telesila, as graças de Hipônax e os doces sons dos versos dumalésbia, cuja cópia que restara em Bizâncio, sem que ele soubesse, haviam queimado a pouco os homens do Dodge de Veneza e de Bonifácio I. De lá foi a Teerã, onde fora instruído em letras persas. Seguiu de Teerã a Bagdá, cruzando, entre loas, o Cufa e o Baçorá, o Curaçã e o Damasco. Anos depois, Uzbeque lutaria com seu sangue em vingança pela destruição de Bagdá e pelo fim do Califado Abássida de Al-Mutassim, seu amigo.

Subiu num barco azul, com Eirenos, o Rio Tigre até Mosul, onde ganhou seu novo nome e temendo a inimizade de Tokhta Khan, margeou por reinos amigos o Mar Negro até Tômis, onde viu a estátua de um poeta, em meio ao que chamavam “praça”, e quando tornou-se Khan sobre os muros de Cazã, após a morte de seu tio e a subsequente supressão dos infieis que negavam as palavras do Profeta — e que Ele descanse no paraíso —, mandou que a trouxessem ao seu palácio. E toda a Horda Dourada, sob seu comando, temeu a Alláh — também dito Al-Maalik —, contemplou o rosto de mármore de Ovídio e marchou ao som da música de pífaros pela primeira vez, como narrado por Badir Al-Din Al-Ayni, admirador do grande Khan, no *Al-raud al-zahir*, suas justas réplicas sobre o grande mameluco da torre, circassiano senhor do Egito.

Contudo, no codex das *Histórias Primárias* de Laurenciano de Nizhni, das chamadas Terras Inferiores de Novgorod, copiado a mando de Dionísio de Suzdal, difere-se o narrado, e vê-se escrito, em sua continuação das *Crônicas* de Nestor, que ao mudar a sede da Horda Dourada de Cazã para Mukhsha, Uzbeque ordenou que flautistas viessem do reino da Hungria, que se cunhassem dirrans de escrita cúfica e que sem misericórdia submeteu aos seus domínios tanto burtas quanto khazares, tornando-se, além de Khan, sultânico supremo dos hunos do Ocidente.

69

Alguirdas, o vil, rei dos lituanos, tomando de assalto as terras tártaras, nos úlus da Moldávia e da Podólia, enfrentara, na Batalha das águas azuis, três dos últimos grandes beys do quarto Khan. Matou a quantos pôde. Fez com que os demais fugissem temerosos. Livrou da sanha moura os planos de terra preta, onde disse o grego de Túrio que habitavam formigas menores do que cães, mas certamente maiores que raposas, fato que não se nega nem se atesta. Cortadas as amarras do canato, também a rubra Ruthenia, Volínia e Odessa, todas, uma a uma, recobriram a liberdade a tanto oculta. Ficaram, do velho Khan, apenas os dirrans e as flautas, mas os turcos voltariam, ainda o flagelo de Alláh, desde o Volga a Buda e Peste, e depois até Viena.

Solimão, o magnífico, cruzou o Savo e o Drava da Caríntia e em barcos de altas velas fez trazer de seus domínios os canhões que comem pólvora, e os campos de Mohacs, escolhido pelos húngaros de Luís II, que intentava repetir no lodo fundo outra Azincourt, foi campa seca aos crus maometanos. Nem bem o sol comera trinta graus do orbe azul, estava encerrada a batalha. O feito foi narrado por Abu Dimashe em sua *Hamasah* e em Ouram ouviu-se certa vez, às portas da alquasaba vermelha, o zéhel de um taqsin sobre este tema, atribuído a um poeta de Fez, às margens do Oued,

no vale de Abiod, sob a dinastia dos oatácidas, por Al-Wazzan, o Leão Africano, o que traiu Alláh, discípulo de um discípulo de Ibn Khaldun.

É fato que cento e sessenta anos depois, tornaram outros sangues a jorrar pelos Mohacs. Inversa agora a trama, morrem aos milhares outros turcos, pela astúcia de Saboia-Carignano, a quem os feitos foram tributados, tanto por cronistas quanto emires, ao sacro-imperador, agora novo rei dos húngaros. Derretidos os dirrans, restaram só as flautas, ora chamadas nafir ora al-boka, presente de Uzbeque, grande Khan.

Ignora-se a ocasião em que a primeira charamela deixou de ser simples flauta de caniço, mas é fato que tal evento contundente e universalmente relevante se deu entre os Bálcãs, o Oriente Próximo e ao sul dos Urais. Sabe-se menos ainda quem o tenha levado para o Leste da Europa. O que conhecemos, com razoável plausibilidade, é que foi apenas nos anos em que Hottetere tocava em Roma, sob auspício e patronato de Francesco de Rupoli, que aquele rudimentar instrumento, tomado de pastores nômades de antiga tradição centro-asiática, ao sul do que é hoje a Rússia, chegou à França.

E, sobre o tablado do Ateneul Român, entre violinos e fagotes, o rapaz franzino que executa em *adagio sostenuto* o solo de oboé do segundo concerto para piano de Liszt ignora todas estas coisas.

ÉBANO

MARCIA ALVES DE FREITAS¹

Universidade da Grande Dourados
E-mail: marciafreitascont@gmail.com

De repente tomei consciência do fato de ser negra. Quando falo tomar consciência não falo de características físicas, mas sim do que tudo isso acarreta na vida de uma pessoa, como sentir a diferença de contato, de interação com colegas e professores, já que por ser filha única, sempre tivera sido tratada como a princesinha da casa. Incrível como, às vezes, a consciência óbvia de uma condição pode apenas vir a partir de momentos nos quais essa condição é posta à prova, e evidenciada por outros, e é triste também como isso nos atinge.

Ver outras meninas zombarem do meu cabelo crespo - do cabelo “ruim”, meninos dizendo ter nojo de mim, ser chamada de macaca, ‘Mussum’ e coisas do tipo me doíam demais, contudo minha mãe havia me ensinado que eu nunca deveria demonstrar medo ou dor, porque se isso eu fizesse, com certeza, essa maldade me atingiria de forma ainda mais profunda. Recordo bem da minha mãe falando: “Menina, não estou te criando para ser fraca!”

Lembro de me questionar intimamente e tentar buscar os motivos, ainda com a visão de uma criança, de por que eu era diferente das minhas amigas. Eu comparava tom de pele, cabelo, olhos, dorsos e palmas das mãos e o que eu via não me agradava. Na realidade não era o ser negra que me incomodava, era o ser ‘diferente’, era o ser tratada como pária, era não ser notada e quando notada, não ser bem quista. O julgamento quando adentrava um recinto, o afastar do outro quando sentava em um banco, a vergonha de caminhar no recreio, a desconsideração vinda da professora.

Recordo da minha mãe me levando ainda pequena a um salão clandestino onde havia uma mulher que, de posse de um pente quente e um creme de origem duvidosa, me assustava e enfeitiçava entre o medo de ser queimada e a beleza do cabelo liso e

1 Segundo lugar, categoria “Conto”, do 1º Concurso Literário da Revista Arredia, 2023.

solto, como os das minhas amigas. Por um momento eu poderia ser mais igual, ter um ponto a mais ‘positivo’ já me fazia feliz. A violência que vinha de quem mais me amava, para que eu não sofresse uma violência ainda maior daqueles que eu não conhecia.

A preocupação que um pouco qualquer de suor pudesse arruinar aquele trabalho todo que havia sido construído ao alisar o cabelo, o olhar de desaprovação das pessoas ao surgir a mais tênue curvatura na raiz, eram coisas que me afetavam e me faziam encolher diante da primeira observação negativa. Havia o julgamento pelo cabelo crespo, e o julgamento pelo cabelo alisado... pela cópia falha do estereótipo que eu entendia como o “bonito e certo”.

Não consigo me lembrar de grandes afetos por parte de minhas professoras (e olha que eu me esforçava para me encaixar, para agradar), não havia empatia, acolhimento, e, às vezes, sequer respeito. Me lembro também de assistir e ver essa mesma dor representada nos olhos de uma outra menina negra da minha sala, no entanto, nessa sala, éramos somente nós duas negras. Intimamente eu sabia que ela partilhava dos mesmos temores, das mesmas dúvidas, ela também sobrevivia das migalhas caídas de afeto.

Minha mãe me cobrava muito um bom desempenho em relação aos meus estudos, e enfatizava que eu tinha de ser melhor que as outras meninas para que fosse igual. Eu achava um absurdo ter que fazer mais, e melhor, para ter o mesmo. Como poderia ser isso? Como poderia haver justiça nisso? Todo esse preço por causa de um tom de pele?

Aos poucos, aquele corpo magricela tomou formas, o cabelo, antes sempre preso por tranças ou coques, agora, à base de um bom tratamento químico (que me ardiavam os olhos quando realizado) reluzia negro e cheio de brilho. Não era mais a macaca, era a ‘morena’. Muito daquilo que antes era tido como xingamento, se tornou qualidade. Aquela ‘bunda de tanajura’ agora era vista como curvas pelos meninos. A cintura fina, os seios fartos, a bunda arrebitada. Agora eu era admirada, uma admiração para a festa, não para a sala da sogra.

Os meus receios agora se reproduziam em medos alheios quando o garoto que se interessava por mim não sabia como me dizer que ‘talvez’ sua família fosse racista, que ‘talvez’ fosse melhor que eu não os conhecesse. Que ‘talvez’ fosse melhor irmos a um lugar menos popular, longe de onde pessoas conhecidas pudessem nos ver. Que ‘talvez’ fosse melhor que ele viesse a minha casa, não convinha sair...

A entrada na vida profissional não foi simples e o racismo, agora velado, cerrava portas e trazia desconforto. Por ser contadora, os testes que enfrentava não davam espaço para dúvidas quanto ao resultado. Se uma entrevista tinha sido boa, o teste profissional tinha sido um sucesso, apesar disso a apresentação ao gerente não havia sido convincente eu me perguntava sobre a minha postura ou sobre a condição de minha raça. A decepção (estampada no rosto do diretor branco), ao entrar em uma sala de diretoria para a entrevista final, a hesitação em apertar uma mão estendida, o sorriso descaradamente forçado. O nunca encontrar alguém negro, como o entrevistador.

A maldade das pessoas havia tecido em mim uma dura casca e eu sabia que meu refúgio e diferencial sempre seria o estudo. Atendendo a conselhos de minha mãe, e por experiência, aprendi que a instrução derrubava, ou pelo menos evitava, o racismo de combate. Estudei e me fiz notar. Vi que conforme me instruí e mudava, por conta da vida, meus convívios, as experiências racistas se amenizavam. Percebi nitidamente que a sociedade tolerava melhor o negro ‘estudado’ e financeiramente estável. Entendi enfim as falas de minha mãe: “Ah, então você acha que só fazer uma faculdade vai bastar? Experimente não ter algo a mais para ofertar, tem muita gente com faculdade por aí, e branca, viu!”. E tinha. Aprendi rápido a entender isso.

73

O sorrir convenientemente, a indiferença a muita coisa que vi, os ouvidos seletivos a muita coisa que ouvi, a rapidez na leitura de um ambiente e seus personagens, a prudência no falar e agir, foram habilidades que naturalmente foram se desenvolvendo. A superação diária de combates, me fortalecendo. O não acreditar, nem esperar pelo auxílio do outro sendo a minha verdade.

O tempo passou e por ironia do destino acabei por namorar um cidadão loiríssimo de olhos azuis, e aí, o racismo me mostrou sua cara mais feia. O episódio da apresentação aos meus sogros me traz lembranças inapagáveis. Ao estender a mão, ele a olhou com desprezo e enfatizou a ação de cruzar suas mãos às costas. Nesse mesmo dia, pois a ideia era um almoço em família, meu pretenso sogro gritou aos quatro ventos que não se sentaria à mesa com uma negra, isso não aconteceria de forma alguma na casa dele. Lembro de pedir a Deus um buraco para me enfiar, eu tive vergonha da minha existência... Acho que foi o momento em que senti essa loucura de racismo em seu apogeu. O que mais me assombrou foi a postura do, na época, meu namorado que pediu para que eu entendesse o pai dele ‘porque tinha sido criado assim’, contudo não teve a menor atitude para contestar a atitude do pai. Como houveram outras situações

similares, para me poupar de dores e evitar que eu me desgastasse ainda mais, achei melhor me afastar dessa família, mas mantive a relação com o indivíduo, o que resultou em uma gravidez.

Quando meu filho nasceu, revelou-se com a pele branca. Confesso que me vi aliviada por ele não precisar passar por muito do que eu passei. O ‘ser negra retinta’ me apresentou um mundo de dores, e eu não o queria como ‘um alvo’, vivenciando experiências similares às minhas.

A aceitação da criança por parte da família do pai foi surpreendente, visto que durante toda a gravidez não houve ajuda, ou pelo menos qualquer questionamento, a respeito de hospital, saúde e afins. Ainda hoje me pergunto: se meu filho tivesse nascido com o tom de pele semelhante ao meu, haveria a mesma aceitação?

Sendo mãe, essa questão de raça se tornou mais importante em minha vida e mostrar a ele a convivência entre uma família loira de olhos claros e outra negra, propondo que veja apenas pessoas, tentando excluir minhas dores, é o que me motiva. Eu sei, e ele também sabe, das dores do povo preto. Eu vejo, e ele também vê, as diferenças de tratamento, as diferenças de oportunidades. E hoje eu não digo nada. Eu o vejo enxergar o mundo, usando os seus e os meus olhos.

74

Ainda sou questionada quando apresentada numa escola nova como mãe do Pedro, e ele se revolta, mas aprendeu que há momentos para indagação e confronto e há momentos apenas para ignorar observações inoportunas.

Aos poucos a família do pai do meu filho aprendeu a me respeitar, e, embora eu ainda saiba que o racismo está lá, hoje há educação e tolerância de ambas as partes. Eu noto que há diferença daquilo que enfrentei quando entrei nessa família, mas eu sei que o racismo ainda vive.

Os episódios racistas que vivi moram na minha lembrança e pouca coisa me afeta de verdade. De tanto que já levei, pouca coisa me dói. As palavras antes ignoradas, hoje não são mais toleradas. Se vindas com furor, são retrucadas com o mesmo tom. Se vindas com a dúvida, visão limitada e educação como companheiras, encontram esclarecimento e calma. O que não há, é a ignorância a elas.

O corpo curvilíneo hoje tem medidas mais amplas, o cabelo antes alisado, agora mesclado de branco, exhibe seus caracóis e está tudo bem. Uso óculos que não são vaidade, tenho dores lombares e uma teimosa falta de memória, mas, me sinto bem como só o tempo pode nos deixar sentir.

Ainda existem dificuldades por ser preta, no entanto não há nenhum receio, somente lembranças, aprendizado e vivência. Olhando para trás, vejo boas passagens ou bons ensinamentos. Nada foi em vão. Muitas coisas doeram, porém todas cresceram, e o que me sobrou sempre foi a coragem de tentar de novo.

FRYE, Northrop. *A Imaginação Educada*. Tradução de Adriel Teixeira, Bruno Geraidine e Cristiano Gomes. Campinas, São Paulo: Vide Editorial, 2017.

JOÃO MARIO NASCIMENTO ROCHA

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

E-mail: joaomarionrocha8@gmail.com

Frequentemente celebrado como um dos mais importantes teóricos e críticos literários do século XX, tendo inclusive sido chamado por Harold Bloom de “o principal estudante vivo da literatura ocidental”, além de ter sido o teórico literário mais citado dos anos 70, Northrop Frye alcançou o reconhecimento internacional primeiramente em 1947, quando publicou seu estudo que levou à reinterpretação da poesia de William Blake. Porém, seu status como um dos maiores na área dos estudos literários viria 10 anos depois, com a publicação, em 1957, de seu mais famoso livro, *A Anatomia da Crítica*, que buscou sistematizar o estudo literário através do esclarecimento de todas as leis que operam na literatura, e que contou com uma célere tradução para o português pela editora brasileira Cultrix, no mesmo ano de publicação do original canadense.

Publicado em 1963, como uma transcrição das palestras que Northrop Frye dera no ano anterior para a corporação de emissoras de rádio do Canadá (CBC), o livro *A Imaginação Educada* é considerado um ponto de introdução na obra de Frye, já que o público alvo que o autor tinha em mente quando preparou as palestras não era apenas a comunidade acadêmica, mas a população canadense em geral, o que se reflete no tom didático do livro.

A tradução para o português, utilizada nessa resenha, foi a primeira no Brasil, lançada pela editora Vide Editorial, que atua desde 2003 produzindo, sobretudo, edições de livros de pensadores de anglófonos de direita, e foi feita pelos tradutores Adriel Teixeira, Bruno Geraidine e Cristiano Gomes, sobre os quais consta pouca informação disponível. Essa edição de 2017 trouxe algumas poucas notas editoriais, que visam principalmente esclarecer possíveis confusões que venham a surgir das diferenças

culturais entre o Brasil e o Canadá da década de 60. Conta também com traduções dos poemas que Frye traz como exemplos. Ao longo de uma leitura comparada com o texto original, não percebi erros de tradução óbvios, ainda que algumas construções lexicais de Frye fiquem um tanto mais claras em seu sentido no original.

O objetivo central do livro é fazer uma defesa do ensino literário, abordando questões quanto à sua importância, a forma como deve ser feito o ensino, sua função na sociedade, e como o ensino literário vai se relacionar com o conceito de “imaginação” que o autor expõe. No Brasil, quem abordou esse assunto de maneira um tanto similar foi Antônio Cândido, com seu texto *O Direito à Literatura*, que difere da obra de Frye por enfatizar o problema do acesso à literatura, além de abordar o tema de uma perspectiva mais sociocultural.

Considerando que cada capítulo corresponde a uma palestra dada separadamente, mas cujo conteúdo complementa uma a outra, cabe fazer aqui um resumo das conclusões que Frye alcançou em cada uma delas.

De início, Frye pensa ser necessário diferenciar entre três tipos de linguagens que utilizamos no dia a dia, para então poder responder às perguntas que ele apresenta no primeiro capítulo. São estes:

1. A linguagem da consciência ou perceptividade: Linguagem do mundo como ele é, que utilizamos para dar nomes às coisas. Produz apenas conversa corriqueira;
2. A linguagem do senso prático: Linguagem da nossa participação social, de gestos e verbalizações, que utilizamos na nossa participação social para mudar a natureza e o ambiente que nos rodeia. Produz informação;
3. A linguagem da literatura: Linguagem da imaginação, do “mundo que gostaríamos de ter”. Produz primariamente poesia.

É desse terceiro tipo de linguagem que o autor se ocupará, já que é com ela que a literatura trabalha para construir sua estrutura visionária. A linguagem poética nesse sentido tem um potencial de nos mostrar um mundo completamente absorvido e possuído pela mente humana, que tem a tendência de se associar e se identificar com o que ocorre fora dela. Isso explica a tendência da literatura de utilizar figuras de linguagens, o que remete ao título do capítulo, *O Motivo da Metáfora*, que Frye emprestou do poema homônimo do modernista Wallace Stevens.

Posto isso, Frye discorrerá, no capítulo seguinte, sobre como isso se deu ao longo da história. Essa tendência de identificação descrita acima acaba criando metáforas dos objetos que encontramos no espaço, e mitos das relações que se desenvolvem no tempo. Mitos tendem a se juntar para formar mitologias, e isso porque mitos são convencionais, ou seja, um mito inspira outro, da mesma maneira que, na nossa cultura atual, um romance inspira outro.

Levando isso em conta, Frye não aceita o conceito um tanto romântico de que a produção literária seria o fruto de uma inspiração criativa única em si própria, como se cada obra da literatura fosse única e desvinculada de outras obras que a precederam. Afirma ele que “O desejo de um escritor de escrever só pode vir de uma experiência prévia com a literatura, e ele vai começar imitando aquilo que tenha lido” (p. 34).

Frye nos leva assim a uma reflexão sobre o conceito de convenções literárias, que surgiram no ocidente com o gênero dramático na Grécia Antiga, e que foram primeiro comentadas por Aristóteles em sua *Retórica* e *Poética*. Frye as descreve como sendo “maneiras típicas de se contar uma história” (p. 34), correspondendo aos modos trágico, cômico, satírico e romântico. (*A Anatomia da Crítica* dedica grande espaço para a discussão de cada um desses modos literários). Frye vai ainda além, sugerindo que essas convenções representam episódios na história da própria literatura. A seu ver, toda literatura conta uma grande história cíclica – “A história da perda e reconquista da identidade” (p. 24), que pode ser observado, por exemplo, no ciclo da jornada do herói, repetida em diversas tradições literárias, mas que para Frye, pode ser vista em sua forma mais completa na história bíblica da Queda do homem, expulso do paraíso, seu lar legítimo, e seu eventual retorno a um reino divino.

78

O terceiro capítulo vai se ocupar com uma discussão do chamado “simbolismo literário”, para responder à pergunta “Que tipo de realidade está presente na literatura?”. Remetendo à *Poética* de Aristóteles, Frye afirma que encontramos na literatura exemplos gerais que convidam o leitor a responder ao que lê de maneira imparcial, já que a literatura está preocupada com o universal. “Não é a função do poeta informar-nos o que aconteceu, mas o que acontece. Ele não nos conta aquilo que se deu, mas aquilo que se dá sempre” (p. 55). Com isso, ele pode concluir que a literatura está preocupada com a chamada “ação simbólica”, que os personagens literários ou mitológicos são figuras típicas, e que o mundo da imagem poética é “totalmente simbólico” (p. 66).

Na literatura, isso pode ser observado na tendência das obras literárias de se referirem a outras obras, além da maneira como o autor demonstra estar ciente do lugar que ocupa no todo da literatura, o que nos leva a considerar o estudo da literatura como tendo um elemento progressivo, já que “não apenas lemos poemas ou romances um após o outro, mas entramos em um mundo completo do qual cada obra literária faz parte” (p. 60). Disso tiramos que, quanto mais obras lemos, melhor somos capazes de generalizar a partir da nossa experiência da literatura, que com seu “encorajamento da tolerância” contribui para o refinamento de nossas sensibilidades, o que “nos permite tirar as coisas do alcance da ação e da crença”, já que “na imaginação, as nossas próprias crenças são simples possibilidades, e ainda enxergamos as possibilidades das crenças alheias” (p. 68).

O capítulo discutido acima é intitulado “Gigantes no tempo”, frase esta que vem da grande obra de Marcel Proust, *Em busca do tempo perdido*. A ideia que está contida nessa frase é a de que, quando dependemos apenas da experiência comum para nos guiarmos na vida, olhamos para a vida apenas como uma sucessão de momentos fugazes. É a partir da representação metafórica na literatura, que transforma a experiência comum em algo universalmente reconhecível, que podemos olhar para a vida como se fôssemos gigantes no tempo.

Adiante, Frye vai dedicar o quarto capítulo, “As chaves para a terra dos sonhos”, a uma discussão sobre o que se espera tanto do autor quanto do leitor nessa relação entre ambos que se estabelece no processo de leitura, já que em suas palavras, “São necessários dois poderes na literatura [...] um poder de criar e um poder de entender” (p. 91).

Requer-se de um escritor que ele vá além da autoexpressão, pois como já vimos, isso é apenas o primeiro nível da linguagem, da mera descrição do mundo como ele é. O que se espera de um autor, portanto, é que ele seja imaginativo. Para isso, ele tem que ser maior que a vida, já que “o mundo da literatura é um mundo onde não há realidade senão a da imaginação humana” (p. 85).

Já de um leitor, se requer que ele entenda a experiência da literatura. Frye afirma que devemos ter uma visão verticalizada da literatura, onde a metade superior corresponde aos modos romântico e cômico, que representam na literatura mundos sublimes e que gostaríamos que se aproximassem do nosso, uma vez que nos dão uma sensação de absorção e não distanciamento (o chamado *ethos* da *Retórica* de Aristóteles). Enquanto que a metade de baixo corresponde aos modos trágico e satírico ou

irônico, nos quais sentimos um distanciamento do mundo representado (causado pela expressão do *pathos* na narrativa, também de acordo com Aristóteles). Conforme o leitor se torna mais capacitado em suas leituras, ele se torna capaz de lidar não apenas com o sentido literal e alegórico das obras, mas entra também nessa dimensão ética da literatura, que se relaciona diretamente com nossas emoções. Nesse sentido, o leitor é elevado a um ponto de vista em que se torna capaz de visualizar “[...] a expressão da imaginação humana em sua extensão completa conforme ela mesmo se vê” (p. 89).

Estando descrita sua teoria da literatura, Frye reserva o restante do livro para discussões dos aspectos sociais da literatura. No quinto capítulo, ele vai oferecer uma “orientação na questão de como ensinar literatura, especialmente às crianças” (p. 95). A questão mais importante que ele nos traz nesse capítulo é a de que precisaríamos de mais teorias que elucidassem os conceitos simples e fundamentais com os quais deveríamos começar o estudo da literatura, pois como vimos, “A literatura vem na sequência após uma mitologia”, sendo que o “mito torna-se o princípio estruturante dela [literatura]” (p.95). Dessa maneira, tais conceitos a serem ensinados podem ser encontrados em sua forma mais completa na Bíblia cristã, e em um formato mais fragmentado e, portanto, mais claro, na mitologia clássica grega, sendo que no argumento do autor, essas duas mitologias devem entrar na mente do leitor o mais cedo possível, ainda que, para os propósitos que Frye tem em mente, tal ensino nas escolas deva ser feito por alguém com um “apurado senso da estrutura literária” (p. 97). A função desse ensinador seria a de “transferir a energia imaginativa da literatura para o estudante” (p. 112), sendo que Frye afirma ser isso também a maior parte do trabalho crítico.

80

Frye, no último capítulo do livro, vai buscar esclarecer qual a função da literatura para além do prazer que ela proporciona. Sua primeira sugestão é de que a literatura pode educar a imaginação:

A literatura fala a linguagem da imaginação, e os estudos literários devem treinar e aprimorar a capacidade imaginativa. Mas usamos a imaginação o tempo todo: ela participa das nossas conversas, da nossa vida prática [...]. Assim, só nos resta escolher entre uma imaginação mal treinada e uma imaginação bem treinada [...] (p. 116).

Com isso, ele aponta para o fato que a imaginação, como a intermediária entre as emoções e o intelecto, proporciona a base para a vida social. A imaginação educada, por exemplo, sabe como interpretar a publicidade e a propaganda: “Nossa reação

à publicidade é, na verdade, uma forma de crítica literária” (p. 119). Sensitividade ao uso de palavras, libertação dos clichês, é apenas possível para pessoas que usam sua imaginação. E já que a imaginação educada é uma necessidade da vida em um mundo político, o estudo da literatura que resulta na educação da imaginação não é apenas uma “realização elegante”, mas uma maneira de entrar em uma “sociedade livre”.

O leitor desse livro encontra um argumento muito convincente, não apenas em favor da importância da literatura na vida social, mas também pela necessidade de termos uma visão estruturalista da literatura, tendo em mente a forma da produção artística contínua que ela tomou ao longo da história. Porém, com o advento da teoria francesa na academia nos anos 80, que deu maior espaço a entendimentos estruturalistas da literatura que diferem da teoria de Frye por se preocuparem mais com um estudo programático das estruturas narrativas e da linguagem, a reputação de Frye acabou tendo um eclipse prematuro na comunidade acadêmica internacional. Uma consequência dessa falta de contato que viemos a ter com a obra de Frye é a distorção de suas posições ideológicas, sendo que os comentários que são tecidos sobre sua obra desde então refletem uma tentativa equivocada de pintá-lo como um conservador, tanto por partidários de tais posicionamentos ideológicos quanto por seus adversários, como se o que Frye defendesse fosse apenas uma preservação de um cânone literário em ruínas.

81

Na verdade, Frye acreditava no conceito de uma educação liberal como caminho para a libertação de uma sociedade, educação essa que se basearia na literatura e nas formas e mitos que a compõem. Também acreditava que a formulação de uma anatomia da literatura nos revelaria uma unidade do espírito humano conforme ele está disposto nas formas da imaginação, e considerava indispensável estabelecer uma continuidade ligando a criação humana a todas as esferas da vida.

É por esses motivos que o pensamento de Frye merece um espaço maior do que o que ocupa hoje em dia no cenário acadêmico. A repressão que seu pensamento sofreu por parte da esquerda intelectual acabou restringindo a discussão da obra de Frye a círculos intelectuais formados por ideólogos da direita. Devemos suspender as divergências ideológicas que surgiram com a polarização política para que, assim, possamos travar um diálogo genuíno com o pensamento de Frye, que se mostra rico em perspectivas teóricas que ajudariam a equilibrar a influência do pós-estruturalismo nas universidades.

Nesse sentido, ainda que o atual movimento brasileiro de tradução de sua obra seja algo a ser celebrado (mais ainda quando vemos que não há uma tradição internacional forte de tradução das obras de Frye, tendo sido traduzidas apenas para o turco, o japonês, o italiano e o português), é necessário levar em conta para que tipo de leitor a obra de Frye está sendo traduzida hoje. Deveríamos aproveitar esse entusiasmo tradutório da obra de Frye no Brasil para pensarmos em possibilidades de trabalharmos com livros como *A Imaginação Educada* ou *A Anatomia da Crítica* nas salas de aula universitárias, além de pensarmos na possibilidade de aplicação de seus conselhos práticos para o ensino da literatura no país para além do ambiente universitário.

PIMENTA, HENRIQUE. COMPÊNDIO DE EVISCERAÇÃO. LISBOA: CHIADO BOOKS, 2021.

ROGÉRIO SILVA PEREIRA

Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD

E-mail: rogeriopereira@ufgd.edu.br

“Se em vão repetimos os mesmos sem roteiros tristes périplos.”
(Drummond)

“E aquilo que eu sei que ele dirá, fará não sei dizer assim, de um modo explícito.”
(C. Veloso)

O poeta e contista Henrique Pimenta está de novo às voltas com os encontros breves nesse seu último livro, *Compêndio de evisceração (CE)*.

É o quarto volume de uma obra que, desde 2012, alterna poesia e conto. São quatro livros que querem ser obra no sentido estrito do termo, isto é, um conjunto que vai além da mera reunião de livros, e que insiste em certas temáticas e certas formas. O escritor oscila: do opúsculo *99 sonetos sacanas e 1 canção de amor*, de 2012; ao conjunto de contos *Ele adora a desgraça azul*, de 2016 (que, aliás, foi agraciado com o Prêmio Guavira de 2017); aos versos de *Alcácer-Quibir*, de 2019.

E, agora, a este *Compêndio*, que retorna ao conto.

Os encontros acidentais breves são bastante apropriados à forma breve do conto. Essa fórmula é boa regra para se definir o conto como gênero; perfeita para definir a obra de Pimenta. Um lugar, duas pessoas e uma fração de hora, às vezes de segundo. Eis o pouco da alquimia que Henrique arregimenta para fundir os *dates* casuais de seus livros. Eis a obra: um conjunto de encontros, esbarrões, *crashes* – e suas centelhas. Contos e poemas que, pela sua brevidade e pelo choque que são em si, se obrigam à compactação.

Um exemplo da brevidade compactadora que é recorrente na obra é o conto “O cadeirante e a mulher”, o antepenúltimo de *Ele adora a desgraça azul* (Pimenta, 2016,

p.175). No conto, dois personagens se encontram algumas vezes, transam, se enamoram – mas logo estão longe um do outro, isto é, em poucos dias e poucas páginas. Também, as pequenas cenas (mesmo as eróticas) de *Alcácer-Quibir* repetem – diria: glosam – essa compactação em que o *bang* e o *flash* do encontro, fortuito na sua brevidade, vira *hai-kai*. E são, também, compactas as cenas que estão lá na forma mínima dos sonetos do primeiro livro, o *99 sonetos*. Transas furtivas, apressadas e infinitas (na sua duração breve) são os temas deste livrinho; enfoques micrológicos e proctológicos são a moldura óbvia, mas perfeita, de alguns temas que pouca unção precisam para se oferecerem (Cf. Pimenta, 2012, p.78).

Na maioria das vezes, é a cidade grande, a metrópole, aquela que propicia o choque desses corpos. É a cidade grande com sua epidemia de individualismo galopante, em que as pessoas tanto mais se aglomeram, tanto mais se desconectam. Mas é, sobretudo, o capitalismo onipresente, esse Deus, com seus mandamentos de apropriação e propriedade, de êxodo e migração, de conexões e estranhamentos, de desvios e desgovernos – quem comanda e ordena essas colisões. A metrópole no capitalismo contemporâneo e, sobre ambos, o olhar realista do poeta e do contista.

Olhar realista. Os breves textos de Henrique Pimenta obedecem a essa lógica da trombada inesperada e desesperada. Usam o poema curtíssimo, o soneto e o conto breve para replicar um tipo de vida fragmentado que acolhe, em sua formulação curta, um mimetismo (se não único, ao menos) bastante apropriado. E esse esforço recorrente de propor encontros fortuitos contrasta com a desarticulação dos textos curtos que contam as pequenas vidas de pessoas comuns, do nosso cotidiano; aquelas que vemos nas ruas, no trabalho; pessoas para as quais damos pouca atenção: é a forma poética (breve) se adequando à vida que pretende representar (fragmentada). O contraste: parece que há em toda obra uma utopia que, apesar de todo desencontro típico da metrópole e do capitalismo, quer que as pessoas se encontrem. E parece que o encontro só pode se dar como fragmento, como tismado e *flash*.

Entre parêntesis, um outro modo de ver a obra como um todo: talvez a nostalgia de um tempo em que nenhuma ação humana pedia ou exigia a conexão, pois tudo o que interessava nunca esteve desconectado: nostalgia de um tempo em que as “palavras se despiram de símbolos e foram tomar banho de riacho” (Cf. Pimenta, 2019, p. 53). Nostalgia de um tempo em que a palavra “conexão” não existia, pois não se precisava dela.

Nestes encontros rápidos, se apresenta o esforço realista, central e recorrente na obra. Trata-se do esforço de representar a vida presente, (quem sabe) o aqui/agora do próprio escritor Pimenta. No seu dia a dia, esbarrando com as pessoas na metrópole, o escritor as vê em seu mundo. Pergunta, como um besouro bisbilhoteiro: “de onde vem todas essas pessoas solitárias”? Feito isso, transforma, em seus textos, pessoas em personagens, apreendo-as em seus respectivos mundos pela palavra e pela imaginação. O resultado são hipóteses de vida – não vidas concretas que ele conhece a fundo. São vidas que ele *aparenta* conhecer a fundo. Eis seu realismo.

Por decorrência disso, o leitor de Pimenta vai se deparar, frequentemente, com um olhar narrativo que, quase sempre, é o da primeira pessoa, subjetivo: o olhar lírico do poema e o “olhar lírico” dos narradores de muitos dos contos – quase sempre, em monólogos interiores (sempre) reveladores. Olhares de desconhecidos sobre pessoas que não conhecemos. Subjetividades desconhecidas que olham o mundo, também ele opaco, desconhecido. Eis então a obra: da poesia ao conto; do conto à poesia; do lirismo ao realismo – e de volta.

Dito isso, é preciso falar dos encontros em *Compêndio de evisceração*.

As gerações se encontram nesse novo livro. No conto “O homem de terno azul”, o foco narrativo está num jovem jurista talvez *workaholic* (?), competitivo, metrossexual que, aparentemente, transa com uma colega de trabalho, outra jurista – essa já com seus 50 anos. Trabalham, ambos, em um processo que envolve um certo “Odilon” (um juiz?), mas também o governador, além de deputados. Coisa grande. O sexo entre os dois, se há, fica para mais tarde, depois do expediente. O contraste entre idades ressoa. No belo “Telefone, silêncio”, há a diferença de idade (e de classe?) entre a jovem negra e o maduro frequentador de sebos – e é num desses sebos que flertam e que ele obtém dela um número para eventual ligação. Em “Do ponto de vista da câmera”, há também duas gerações que se “encontram”: o pedófilo *serial killer* está às voltas com uma menina, talvez sequestrada. Mesmo nos contos em que não há o aludido “encontro de gerações”, parece que o olhar é o de um personagem que pertence a uma geração que nasceu no milênio passado – que talvez tenha cinquenta anos, mais ou menos, no momento em que o leitor o surpreende. O Wagner/André, de “Ele adora a desgraça azul”, tem 55 anos. O protagonista de “Jota, Si e Benito de Paula”, faz questão de referir a idade. Pergunta: “Já disse que eu sou um homem velho?” (Pimenta, 2021, p. 88). O leitor supõe que ele não seja mesmo um menino – é ouvinte do bom (e velho) Benito di Paula. Pode ser mesmo que esteja se preparando, arranjando desculpas, para matar sua namorada, mais nova, a Si (Simone) do título: “não pensei que mentia, a cabrocha que eu tanto amei”. É a chance, sempre rara, do revide. A geração mais velha desconta, na mais nova, o que (sabe-se lá) é preciso descontar.

E, no livro, encontram-se também as peles – tema recorrente do poeta-contista. A Simone de “Jota, Si e Benito di Paula” é uma mulata. Em “Telefone, silêncio”, a moça que o protagonista encontra no sebo é negra – como o é a mulata balconista de “Pérola” (Pimenta, 2016, p. 181). No conto “Ele adora a desgraça azul”, os policiais, provavelmente angolanos, são negros: contrastam com o protagonista Wagner/André, branco, talvez supremacista. No conto “Pneumático”, também é preto (mas pode ser, também, um indígena local ou latino-americano – ao longo do conto a perspectiva sobre ele muda) o quase algoz das duas amigas, Belle e Dri, que, drogadas, dirigindo na madrugada da metrópole, deixam furar o pneu da “grã picape” num buraco de rua. E a Maria do conto “Cama quase” trai o marido, José, com um “negro forte, com pinta de boxeador”. Dentre outros encontros semelhantes.

São dois pontos a explorar. O encontro de gerações e o encontro entre as raças.

O aludido encontro de gerações talvez fale mais de uma característica de um certo narrador (na verdade um modo de narrar) que atravessa quase todos os contos. Esse narrador olha o mundo a partir de uma perspectiva cínica e desencantada que se encaixa bem em certa maturidade histórica. Trata-se daquela maturidade que só pode existir ancorada na vivência ocidental do final do século 20 e nestes inícios do 21. Vivência de homem branco, heterossexual, de classe média, que habita a metrópole consumista e hedonista. É o indivíduo formado pela tv e pela cultura de massas, que amarga a própria existência na era do “patriarcalismo” em crise – esse homem que tenta sobreviver no mundo novo da internet e do ultraliberalismo. É uma nova geração de homens maduros, totalmente diferente daquilo que se chamou “maturidade” nos tempos do “Respeitem ao menos meus cabelos brancos”, verso de um samba-canção de Herivelto Martins (1912-1992). Esse narrador vive nesse mundo em que afinal a invisibilidade chegou para ele – e, às vezes, ele sabe agudamente da sua surpreendente nova condição. (Aos poucos, descobre que tal invisibilidade chegou justamente com a velhice – afinal, mesmo essa geração que foi convidada a ser eternamente jovem, mesmo ela, envelhece). E esse homem se obriga a uma classificação; obriga-se a um posicionamento. A fórmula “Já disse que eu sou um homem velho?” – a que se aludiu acima – é confissão. O personagem age como que a se desculpar, a se entregar como virtual intruso em uma zona conflagrada. É ponto de partida para localizar o personagem dentro de um ambiente que, em absoluto, não é o dele. Um aspecto em relevo: as idades são explicitadas em quase todos os contos. “velho”, “55 anos”, “Lolita madura”, “éramos jovens e bonitos e inconsequentes”. Etc.

87

Majoritariamente, o olhar dos narradores do livro é o do satirista que tende para certa ironia. Qual sátira e qual ironia? Veja-se, p.ex., o melhor dos contos, o hilário “Eu odeio motos”. O leitor acompanha o fluxo de consciência de um protagonista sem nome. Convive com ele desde a madrugada de um domingo qualquer até a madrugada de segunda-feira seguinte. Nesse intervalo de 24 horas, do seu lugar privilegiado, uma janela de apartamento, o narrador-protagonista vê a cidade de Campo Grande *como metrópole*. O foco narrativo é o do *voyeur*, que olha a cidade de cima, protegido, como no camarote, como se diante de um show, como se assistisse tv. A ausência de nome faz sentido: o protagonista é um tipo. O que o leitor vê com ele não é bonito. O domingo é o dia de “relaxar”: doses e doses de cachaça, várias tulipas de cerveja, ressacas e pileques sucessivos, entremeados pelas sonecas que o álcool impõe. Nada bonito. Mas,

por vezes, divertido. Quem é esse narrador cuja vida o leitor acompanha em estreito contubérnio? O que o fluxo de consciência permite dizer acerca do protagonista? É um homem de classe média, boa renda, branco, católico, pai de família (duas filhas), viciado em álcool, permanentemente irritadiço (“eu odeio, eu odeio”), talvez em crise no casamento, talvez de direita, talvez fascista. Sem ser moralista, o conto deixa que o leitor veja a imoralidade de uma vida que é estranha e, subitamente, familiar – vida que talvez este leitor até conheça porque aquela vida tem aspectos da sua própria vida. É nesse sentido que o conto tem muito de sátira. Se o leitor quiser, pode ler a história como uma crítica de costumes a certo tipo de vida: a daqueles bêbados domingueiros, entediados com o escritório, com a missa de domingo, com o domingo em família, sonhando com uma transa que (talvez) não aconteceu; de repente, a alucinação alcoólica interrompida pelo acidente de moto, lá fora, na avenida da grande metrópole, quebrando a rotina e o tédio. O olhar do escritor fica de fora e nada diz, nada comenta e não se posiciona: mas há grande chance de repudiar, ao limite do asco, aquela vida que ele exhibe em detalhes micrológicos. Nesse sentido, é um olhar também realista. Ao modo do realismo do século 19 – mas também ao modo do Rubem Fonseca de “Passeio noturno”, p.ex. O que há de realismo ali? Essa ênfase em temas colados ao presente, sem evasão; o “abrir para olhar dentro”, a evisceração, que é desmascaramento da vida burguesa, doméstica, monogâmica. Etc. E o principal, já aludido: o autor/escritor parece ter desprezo por seus personagens – em alguns casos, profundo desprezo. Ao modo de Flaubert: parece que o livro se escreve *contra si*, contra a vida de classe média que é burguesa, convicta, bem alimentada, hedonista, consumista, etc. Parece que se escreve/narra para ofender, para agredir; para perturbar a digestão. E há uma ambiguidade fundante. O autor/escritor quase diz: “talvez essa seja a minha própria vida, a diferença é que eu sei que ela é lamentável; esses personagens, ao contrário, não têm consciência da própria desgraça de vida em que se refestelam”. Aqui entra a ironia: o leitor ingênuo fica até à vontade para ler o conto como expressão da vida do autor/escritor. Este leitor se pergunta: “essa é a vida do Henrique Pimenta, o escritor? Não é? Como ele tem a coragem de se expor assim?” Sem um olhar de fora, que critique e comente aquela vida, o conto bem que pode ser algo como uma confissão franca daquele que põe seu nome na capa do livro. Mas, diga-se, está longe de sê-lo. E pode ser a vida do próprio leitor...

Os contos, quase todos em primeira pessoa, permitem essa ambiguidade. Como se, por trás de cada personagem-narrador, estivesse o próprio autor se disfarçando.

De fato, há certo despudor em sustentar essa ambiguidade. Há coragem. E, parte importante de certo magnetismo do livro, se sustenta nisso. Assim, pergunte-se: o que há do autor, morador de Campo Grande, naquele narrador melancólico de “Telefone, silêncio”? O que há do próprio autor naquele frequentador de sebos, já maduro, amante de livros, que flerta com a moça negra, mais nova, entre as estantes do sebo? Não se pode dizer simplesmente que não há nada.

Porém, o fluxo de consciência, ultramoderno e modernista, salva os contos do registro de serem lidos como confissão – seja confissão do autor/escritor, seja dos narradores. E é o que confere moldura pós-modernista a toda obra. O mundo, ali, pouco se apresenta como sendo objetivo, sempre chegando ao leitor como que filtrado pelos olhos de um narrador profundamente implicado no que conta e vive. Aliás, chamar as instâncias narrativas dos vários contos de “narradores” é impróprio. Eles não têm a intenção de contar uma história – como teria um “verdadeiro” narrador. Na verdade, eles são flagrados pelos contos no âmago de suas consciências, no instante mesmo em que estão vivendo suas vidas. Não é uma narrativa que se dá pela interlocução com um outro que “estaria ouvindo” aquela história. Assim, se é verdade que a confissão pressupõe um interlocutor (um confessor), então, também é verdade o seguinte: os narradores de *CE* estão quase todos sozinhos na sua interioridade que é dada ao leitor entrever. Nessa linha, um outro ponto, com o perdão do trocadilho: são consciências pouco conscientes. Trata-se de consciências subjetivas que olham o mundo, longe, porém, de serem consciências autoconscientes – elas não refletem, não se voltam para seus próprios pensamentos para examiná-los. E isso é plena verdade em “Eu odeio motos”. Aquele “tiozão” bêbado está no limite da inconsciência, entre o sono, a embriaguez e (ao final) a alucinação alcoólica. Nessa condição, algo precária, ele talvez não odeie motos tanto assim, como afirma – o que diz, “odeio motos”, talvez seja só inveja da moto alheia. Seu desejo talvez seja mesmo o de se assumir motoqueiro e fazer quantas “motociatas” forem necessárias para salvar o Brasil. Aliás, nesse conto, os acidentes de moto que atravessam o conto são o elemento ostensivo de um livro que versa, todo ele, sobre o descontrole – espécie de fundamento do fluxo de consciência e do modo de narrar contemporâneo.

Já os encontros entre as raças é a superfície do encontro de classes, típico do Brasil. E, aqui, o reparo. Não são encontros. São, quase sempre, colisões. O livro sabe que há racismo em toda a parte – e seus narradores e protagonistas não estão livres desse racismo. Mais que isso, as relações raciais estão nos mínimos detalhes, nas mais inocentes palavras. O viés do livro, proposital e consciente, é o de ver o mundo segundo o ponto de vista do racista e, muitas vezes, explicitar seu cinismo e sua hipocrisia. Por decorrência, o ponto de vista da vítima de racismo pouco aparece. Um exemplo: o técnico de informática negro do conto “Ele adora a desgraça azul” é descrito pelo narrador branco que se assume “supremacista” (Pimenta, 2021, p. 37). Diz o narrador sobre o técnico de informática: “O fantasma digitou KKK. Na realidade, foi um técnico negro de informática negra que fez o serviço negro no Dia da Consciência Negra, sob a minha ordem supremacista vocês imaginam de que cor” (Pimenta, 2021, p. 38). Quando digita “KKK” no chat, o técnico (talvez sem saber) está indicando a intensidade do racismo do próprio narrador. KKK: Ku Klux Klan. O narrador não sabe disso – mas o autor sabe. Em certa medida, os leitores também. Sim, as relações raciais aparecem na mínima sílaba, no mínimo fonema. E o livro sabe do que está falando. Se fosse traduzida para o inglês, a palavra “fantasma” (ver o trecho) poderia ser traduzida para “spooks” – significando ao mesmo tempo fantasma, assombração e crioulo. Uma piscadela que chama a atenção para o livro de Philip Roth, *A marca humana* – também sobre racismo. Porém esse racismo em branco & preto aparece no livro como sendo algo mais que denúncia, realismo e firula intertextual. Talvez esconda alguma coisa além dos conflitos coloniais atávicos de um Brasil abstrato, genérico, que teria em Campo Grande mais uma de suas muitas manifestações. Como se alguém dissesse: “é o velho Brasilão, 500 anos e nada mudou. É a metrópole racista de sempre que aprofunda e agrava isso que vem do velho Brasil colonial. Campo Grande, tal qual São Paulo”. De fato, as moças festeiras de “Pneumático” são brancas e ricas, e seu suposto antagonista é um não branco e pobre. Não sendo mero acaso que o título do conto faça referência ao pneu danificado – o pneu é preto. Brancas ricas X preto pobre. É fato. Não são estereótipos, são decalque da realidade brasileira. Porém, é significativo o seguinte. Se é para falar de racismo, com toda a necessária voltagem, em Campo Grande, onde está no livro o conflito racial básico da sociedade sul-mato-grossense: a tensão entre indígena e o branco-migrante-vindo-da-região-sul? Tensão que é racial e, também, socioeconômica. Esse antagonismo fundante e constituinte de MS não aparece no livro, substituído por esse outro racismo – que, afinal (conceda-se), existe muito em MS tam-

bém. A oposição indígena/branco está no dia a dia do MS – quem não vê? É figurinha carimbada: o primeiro aparecendo como favelizado, miserável e subalternizado; o segundo, (eventualmente) rico, proprietário rural, morador da cidade, racista e opressor. Haveria no livro um racismo preto/branco que contorna (que evita a menção, que recalca?) esse outro racismo mais ao rés-do-chão da sociedade sul-mato-grossense? Por que, na descrição da metrópole regional, essa omissão?

E, das observações acima, deriva um ponto que é estrutural no livro: sua utopia de modernidade contemporânea.

O leitor que já foi a Campo Grande (MS) reconhece a cidade nesse livro. A cidade não é mero cenário em *CE*. De algum modo, os contos do livro se prestam a representar certa sociabilidade urbana que se formatou ali, naquela metrópole. De fato, o livro parte de uma pergunta essencial: o que é a cidade de Campo Grande? E seu esforço de resposta parece acompanhar o da própria cidade, que ali surge como uma metrópole: vida noturna intensa, baladas, carrões de luxo, carros velhos, motos barulhentas, *deliveries*, crimes passionais, justiceiros de aluguel. A exploração e a dominação, o racismo e o cinismo, a atomização e a solidão, o descontrole e a loucura, a superficialidade e o aqui-agora-ahistórico: tudo está lá, ao modo de fazer dessa cidade uma metrópole do século 21. Seus narradores veem essa cidade com as luzes que dela própria resplandece – e o fluxo de consciência é o modo zumbi de viver nessa cidade. É a metrópole do século 21. É ler e conferir: as identidades fluidas estão lá. Veja-se, p.ex., a condição do protagonista de “Ele adora a desgraça azul”, heterossexual e flagrado de calcinha fio dental. Aliás, qual é o nome dele? André, Wagner? Esse conto sendo só um entre vários em que se veem essas aludidas identidades fluidas – p. ex., o casal de “Cama quase”.

91

Nessa linha, pense-se sobretudo na língua portuguesa com que o livro se articula. Ela aparece como um *shake* de dialetos e línguas. Exemplos. Às vezes, há travessões para marcar a fala dos personagens, como em “Quinta-feira, a última vez”. Outras vezes, as falas se sucedem e o leitor que se vire, se metendo a desvendar os diversos discursos e suas origens – veja-se, p. ex., as amigas dialogando em “Pneumático”, o início do texto não se preocupa em marcar graficamente (com travessão ou aspas) a fala dos personagens. Quem é que fala? O que fala? Ali, a Babel é proposital, ela aterriza, vinda do futuro – não do passado. Em outro conto, porém, tudo está no seu devido lugar, apesar de faltarem as marcas gráficas das falas dos personagens – como, p.ex., no delicado “Telefone, silêncio”. Por outro lado, vá o leitor fazer o inquérito das

máximas, trocadilhos e citações desse mundo que é ali representado: um mundo que de modo nenhum nasceu hoje. Um mundo que é, ao mesmo tempo, todo dominado, sendo representado por uma linguagem que já não tem mais dono, tal é a bricolagem que ali o recria. Sobretudo, trata-se de uma linguagem da elipse e da elisão. Trata-se de uma linguagem que se presta a inventar, mais que um modo de dizer, um certo lugar, i.é, a própria metrópole. Interessante, nesse sentido, essa poética da elisão que faz par com a evisceração do título do livro. Parece que os contos querem ser, antes de tudo, o produto de cortes e supressões muito calculadas. A partir disso, não se trata de tirar as vísceras meramente, ou mesmo esquartejar. É óbvio, mas é preciso dizer: as supressões dos sintagmas no corpo da oração estão a serviço de um projeto maior, o de reavivar a linguagem, suprimindo a mesmice daquele dizer que se cristalizou em língua morta. A supressão funciona mesmo (perdoe-se o paradoxo) como espécie de inserção deliberada, pedra colocada de propósito no feijão, cálculo que arrisca quebrar o dente. São meios de obstruir “a leitura fluviente e fluvial”, como diria João Cabral de Melo Neto. E é gesto contraditório nos grandes poetas do modernismo brasileiro: jogar fora o leve, o oco e a palha. Não há em *CE* a mera frase feita, apesar de que o manancial em que bebe tem água de toda origem. O narrador de “Telefone, silêncio” diz: “Gosto de ler e tenho graxa de sobra para gastar com leitura de lançamentos, mas eu, de preferência, vou me atualizando com pretéritos” (Pimenta, 2021, p. 93). Os contos do livro, o tempo todo, atualizam pretéritos: Drummond e Benito di Paula, Philip Roth, Homero, Cabral e tantos outros. Eis, pois, a cidade na sua contemporaneidade de metrópole. De fato, parte do esforço fundamental do livro parece o de inventar uma cidade como metrópole, nas suas imagens, temas e, sobretudo, na sua linguagem singularíssima. Não se tratando propriamente da linguagem da cidade, que linguagem seria essa? É, parece, o veículo que referencia uma utopia – a utopia mesma de uma metrópole moderna e contemporânea.

92

Diante de um livro tão fundamental, tão sábia e artisticamente elaborado, produto não só da deliberação mas também da inspiração, deixe-se como provocação o seguinte. Será que Campo Grande é mesmo essa metrópole pós-moderna que o leitor vê no livro? Com certeza é, com certeza quer ser. Mas não se deixe de lado sua outra faceta: Campo Grande é também um campo grande. É, de fato, a “capital do cu-do-mundo”, como acertadamente diz um dos contos (Pimenta, 2021, p. 130). E faz par com o Mato Grosso do Sul, que é isso mesmo: mato – mato replantado em soja e milho, leguminosa e gramínea. Campo Grande é a capital de um Estado que se ergueu no des-

matamento extensivo do Centro-Oeste, na abertura irracional da fronteira agrícola, no genocídio e na grilagem das terras indígenas, na agricultura à base do veneno. Estado que se consolidou como economia agroexportadora; industrial, sem se assumir. Campo Grande é o derivado natural disso. Produto desse Estado e dessa História. Campo Grande: com seus quase 900 mil habitantes, congregando 1 terço da população desse Estado que é todo interior-do-interior-do-interior, com seus pouco mais de 2,8 milhões de habitantes. É para Campo Grande que reflui o PIB recolhido em cada canto do Estado agroexportador. Uma cidade que, quando convém, se finge um pouco de sertaneja. Ou, também quando convém, se finge de contemporânea. Para quem ver? Supõe-se que o gesto é narcísico: para que possa *se ver* como contemporânea.

Nesse quadro, que é resumo descortês e talvez ranzinza de uma cidade que, afinal, é múltipla (a capital de MS), é bonito ver, como *CE* flagra em instantâneo o retrato da metrópole contraditória, produto de uma ordem arcaica, que se quer moderna e contemporânea. Mas cabe perguntar (no ato mesmo de exame de entranhas que o livro faz meticulosamente) onde estaria o propriamente arcaico que existe e que essa cidade quer ao máximo esconder? Responda-se em outro momento.

O Estado e a cidade têm algo de utópico modernizante que é louvável acompanhar – de fato, não se pode ficar para trás. *Compêndio de evisceração*, a seu modo, se esforça para surpreender isso e o faz com muita habilidade. Sua leitura obriga a refletir sobre os rumos do tipo de civilização que se instalou aqui, em MS, neste ponto equidistante entre o Atlântico e o Pacífico.

93

REFERÊNCIAS

PIMENTA, Henrique. *99 sonetos sacanas e 1 canção de amor*. Campo Grande: Life Editora, 2012.

PIMENTA, Henrique. *Ele adora a desgraça azul*. Itabuna: Mondrongo, 2016.

PIMENTA, Henrique. *Alcácer-Quibir*. Itabuna: Mondrongo, 2019.

PIMENTA, Henrique. *Compêndio de evisceração*. Lisboa: Chiado Books, 2021.